

SUPER
INTERESSANTE

EDIÇÃO ESPECIAL



PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

90 ANOS

O CONFLITO QUE DESENHOU O MUNDO EM QUE VIVEMOS.

AS PRIMEIRAS ARMAS QUÍMICAS DA HISTÓRIA / A VIDA DENTRO DAS TRINCHEIRAS

A INVENÇÃO DO IRAQUE / RAIO X DE TANQUES, AVIÕES E SUBMARINOS

O COMEÇO DA ESCALADA NAZISTA / OS 12 ÚLTIMOS EX-COMBATENTES AINDA VIVOS

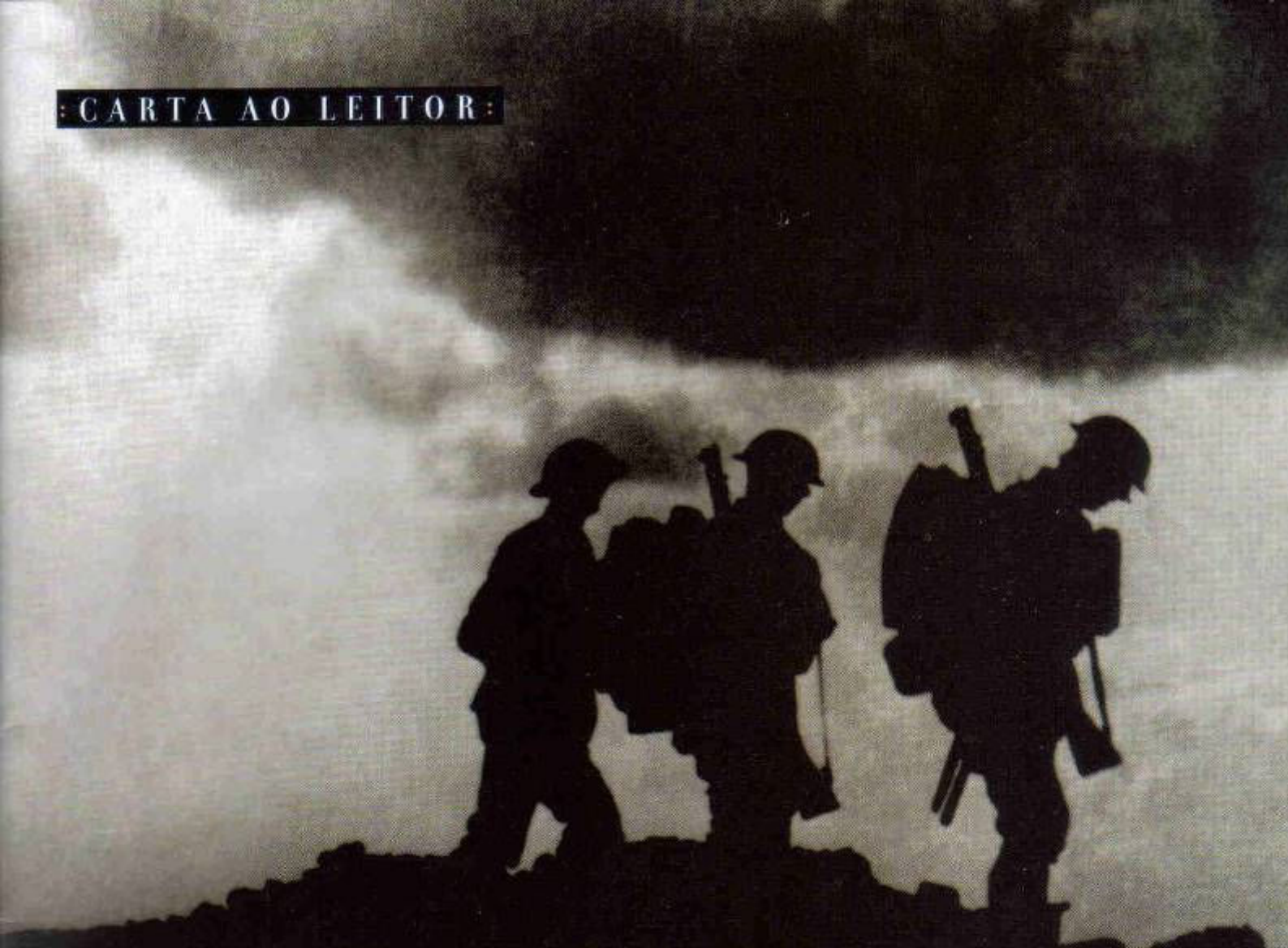
R\$ 9,95 EDIÇÃO 252-A



DIGITAL
Source



iciados em Livros
seu grupo de compartilhamento de ebooks

A black and white photograph showing the silhouettes of four soldiers in a trench. They are wearing helmets and carrying gear, looking towards a bright, hazy horizon. The scene is dramatic, with the soldiers' forms dark against the lighter sky.

UMA GUERRA ESQUECIDA

Dos milhões de soldados que lutaram na 1ª Guerra Mundial, restam apenas 12. E o número de testemunhas oculares dessa catástrofe diminui a cada dia. Pouco a pouco, a memória do conflito que matou quase 20 milhões de pessoas entre 1914 e 1918 vai se apagando. E a guerra que deveria ter colocado fim a todas as guerras parece cada vez mais condenada ao esquecimento. Ela não virou sucessos de bilheteria como sua irmã mais nova, a 2ª Guerra Mundial. Não rendeu fotos iconográficas, como a da bandeira americana sendo hasteada em Iwo Jima. Nem ganhou monumentos nacionais dignos da bravura de seus combatentes.

É no mínimo curioso esse relativo esquecimento. Afinal, poucos eventos alteraram de maneira tão dramática e contundente o destino da humanidade. Como escreve o repórter José Francisco Botelho numa das reportagens desta edição especial: "A 1ª Guerra virou do avesso as fronteiras do planeta e moldou o turbulento cenário internacional no qual vivemos hoje". Impérios foram varridos do mapa, países foram inventados e revoluções foram desencadeadas. Este ano, o mundo vai comemorar os 90 anos do encerramento desse conflito. Eis aqui, portanto, um bom motivo para você entendê-lo – e nunca mais esquecê-lo. Boa leitura.

EDUARDO LIMA, EDITOR



06

DANÇA DE FRONTEIRAS

Os mapas do mundo antes e depois da 1ª Guerra.

10

ANOS DE CHUMBO

O conflito militar que matou quase 20 milhões de pessoas.

16

ANTECEDENTES

A corrida armamentista das grandes potências européias.

22

TRINCHEIRAS

As linhas de defesa que fizeram a guerra empacar.

26

BATALHA DO SOMME

Um dos combates mais sangrentos da história.

28

GUERRA QUÍMICA

Gases tóxicos espalhando terror e morte nos fronts.

32

ZOOM

Raio X das armas que fizeram sua estréia na Grande Guerra.

38

PROPAGANDA

As campanhas publicitárias por alistamento voluntário.

40

BRASIL

Os navios brasileiros afundados por U-boats.

42

REVOLUÇÃO RUSSA

O levante comunista que tirou os russos da luta.



44

FIM DA GUERRA

A derrota alemã e a ascensão de Adolf Hitler.

50

ORIENTE MÉDIO

A invenção do Iraque e a conquista de Jerusalém.

54

GENOCÍDIO

O extermínio dos armênios em território otomano.

56

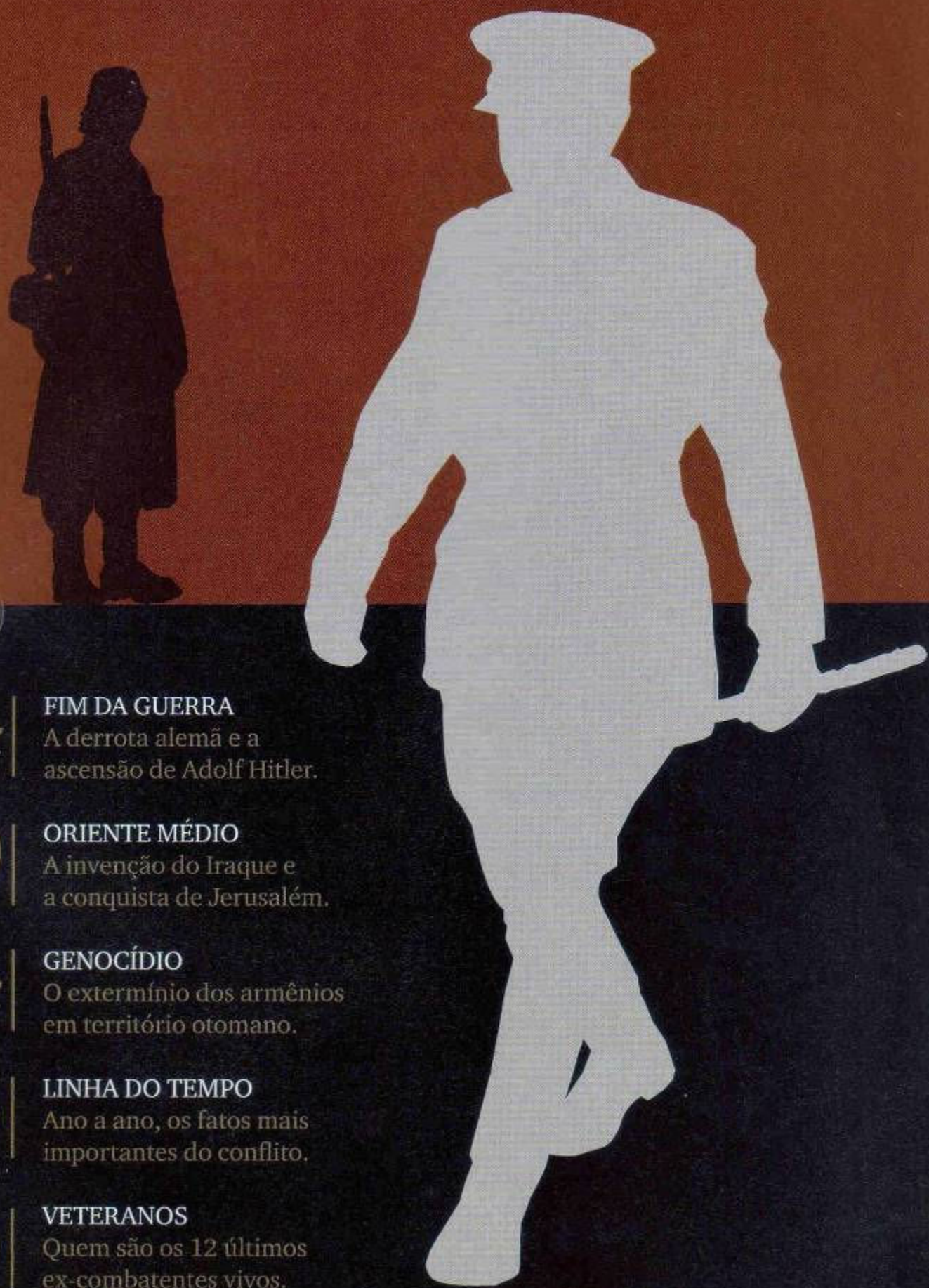
LINHA DO TEMPO

Ano a ano, os fatos mais importantes do conflito.

66

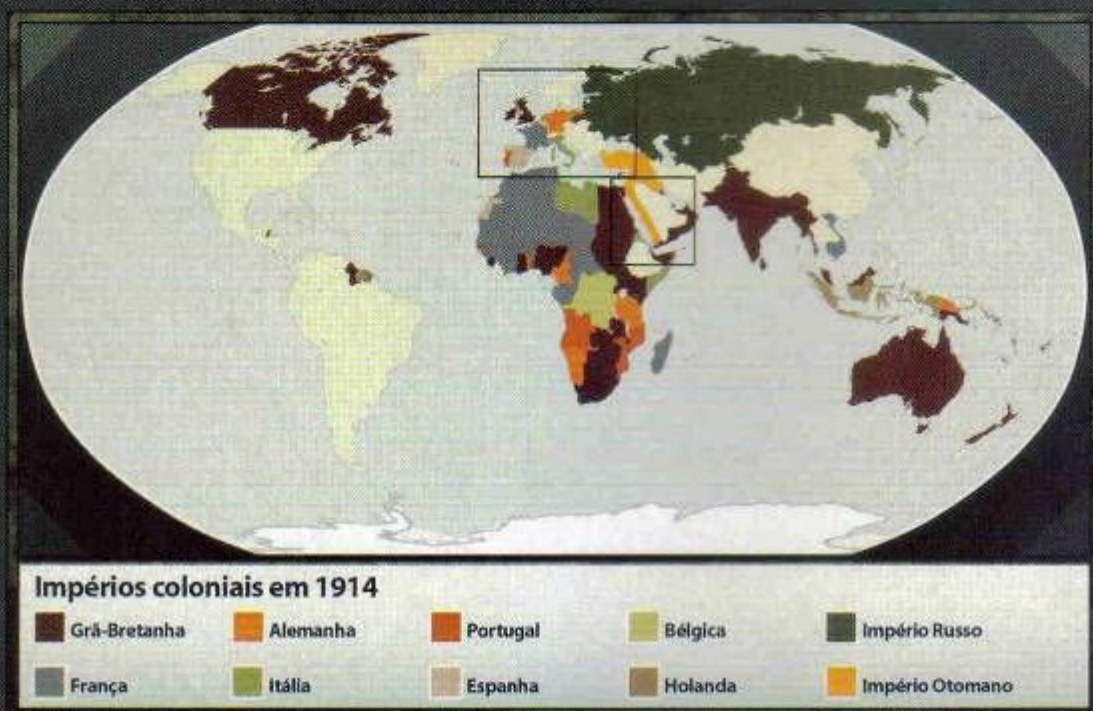
VETERANOS

Quem são os 12 últimos ex-combatentes vivos.



O MUNDO ANTES DA 1ª GUERRA

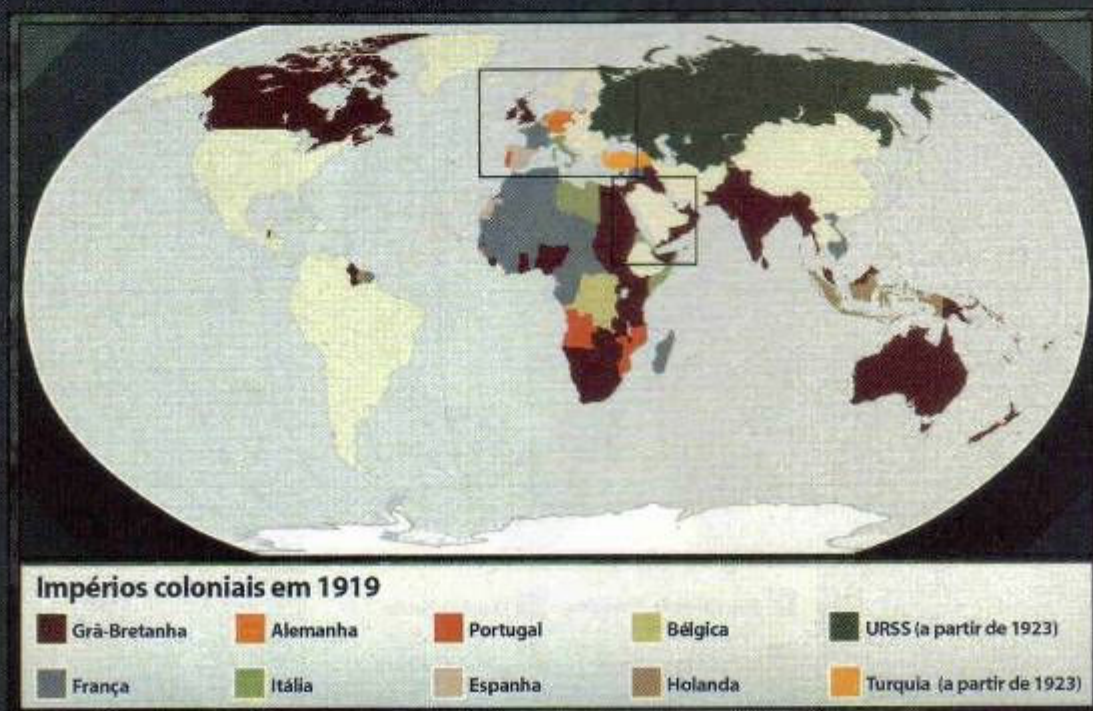
Impérios arcaicos e multirraciais marcavam o mapa da Europa e do Oriente Médio em 1914. Na parte leste e central do continente, a família real dos Habsburgos governava desde o século 13. Seu império – o Austro-Húngaro – era uma colcha de retalhos que reunia diversas línguas, religiões e etnias. Cristãos, judeus e muçulmanos, bósnios, sérvios e croatas... Todos sonhavam com a independência. Grudado aos austro-húngaros havia o Império Alemão, que incluía territórios hoje pertencentes a países como a Polônia e a França. Mais ao norte se estendia o Império Russo, governado pela dinastia Romanov: um Estado gigantesco que ia das atuais Estônia e Finlândia ao extremo leste da Ásia. Estratégicas margens do Mediterrâneo e do mar Vermelho, por sua vez, eram dominadas pelos sultões do Império Otomano – um colosso vacilante e enfraquecido.





O MUNDO DEPOIS DA 1ª GUERRA

Quatro impérios desmoronaram no terremoto da 1ª Guerra Mundial. A monarquia alemã foi derrubada por um levante popular em 1918 e perdeu boa parte de seu território. Após a queda da dinastia Romanov na Rússia, Finlândia, Estônia, Letônia e Lituânia tornaram-se independentes. Dos escombros do Império Austro-Húngaro nasceram a Iugoslávia e a Checoslováquia – países que, ao longo do século 20, se desmembrariam em Sérvia, Croácia, Bósnia, Kosovo, Montenegro, República Checa e Eslováquia. No Oriente Médio, as províncias do derrotado Império Otomano viraram butim dos vencedores. Ingleses e franceses inventaram as fronteiras de Síria, Líbano, Iraque, Palestina e Jordânia. Todos esses territórios – mais o Egito – entraram no pós-guerra sob o título de mandatos ou protetorados. Na prática, viraram colônias da Europa e só ganhariam independência décadas mais tarde.





ANOS DE CHUMBO:

GUERRA TOTAL

O conflito que se espalhou pelo mundo entre 1914 e 1918
matou quase 20 milhões, deixou outros
20 milhões feridos e mudou o destino da humanidade.

TEXTO JOSÉ FRANCISCO BOTELHO



Num entardecer de agosto de 1914, o secretário britânico de Assuntos Exteriores, Edward Grey, observava as ruas de Londres da janela de seu gabinete. Seu olhar era melancólico. Algumas semanas antes o arquiduque austriaco Francisco Ferdinando fora morto por um disparo de pistola em Sarajevo, lançando as potências europeias num redemoinho. Enquanto a noite caía sobre a capital inglesa, trens cruzavam a Europa levando milhões de soldados para um duelo entre os maiores impérios da época. Muitos políticos acreditavam que essa seria "a guerra para acabar com todas as guerras": um acerto de contas que resolveria todas as disputas do mundo civilizado. Prevendo uma luta rápida, alguns juravam que a paz voltaria até o Natal daquele mesmo ano. Mas Grey não estava tão otimista. Quando o Sol desapareceu atrás dos telhados de Londres, ele disse a um assistente: "As luzes estão se apagando em toda a Europa e não voltarão a se acender enquanto estivermos vivos."

O secretário britânico estava certo. A 1ª Guerra Mundial se estendeu por 3 continentes e 4 exaustivos anos. Suas consequências, como previu Grey, foram duradouras: ao longo de 4 décadas, o mundo não teve paz. O conflito plantou as sementes da 2ª Guerra, enterrou para sempre a romântica autoconfiança da velha Europa e inaugurou o período dos maiores massacres da história.

Poucos eventos mudaram de forma tão radical o destino da humanidade. Para começar, a 1ª Guerra Mundial virou do avesso as fronteiras do planeta e moldou o turbulento cenário internacional no qual vivemos hoje. Grandes impérios arderam em chamas, revoluções se espalharam e novas nações surgiram das cinzas. Foi no calor desse conflito, por exemplo, que o socialismo revolucionário se tornou um fenômeno global: a Rússia dos czares foi varrida pela revolução comunista em 1917 e, alguns anos depois, surgiria a União Soviética. A Alemanha derrotada perdeu territórios na Europa e no



Tanques britânicos com "esmagadores" de trincheiras: uma das invenções que marcaram o primeiro conflito maciço da era industrial.

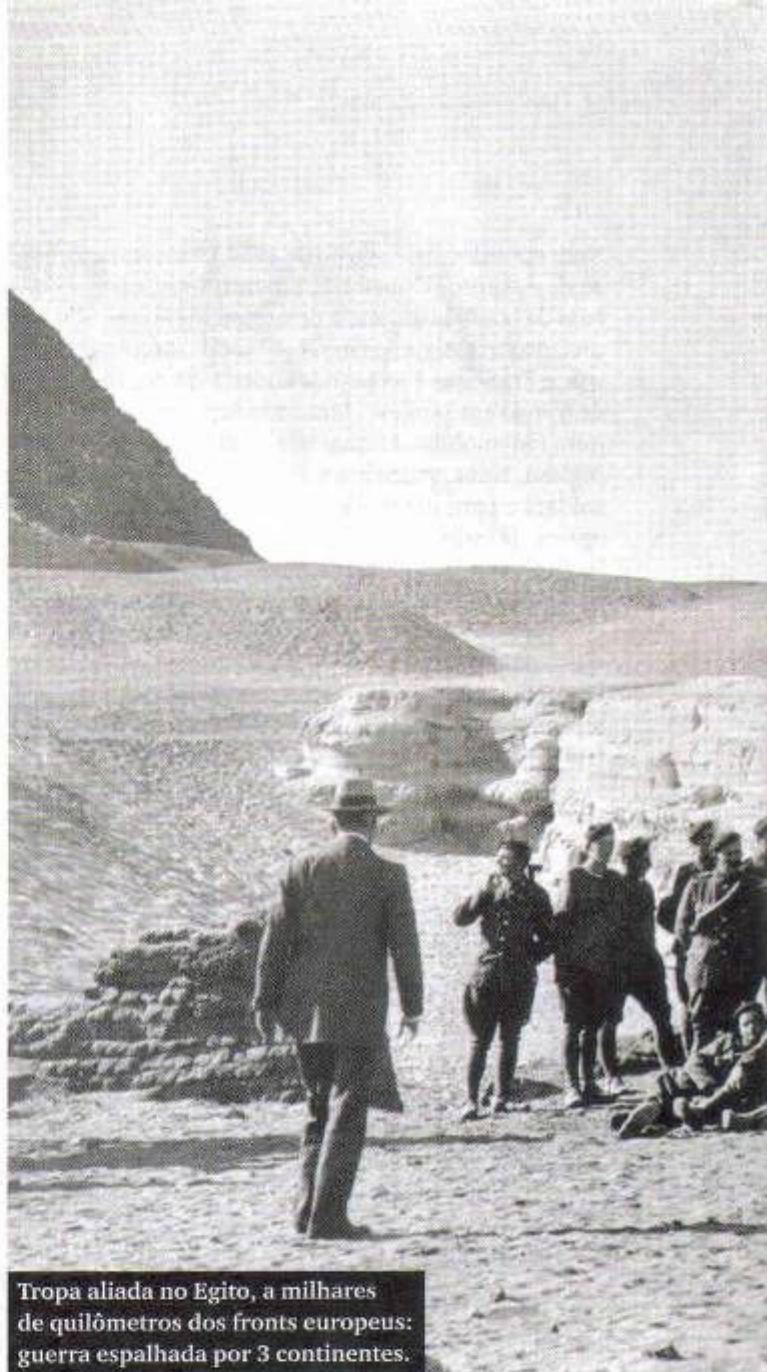
além-mar – uma humilhação que despertaria ódios e rancores, forjando a suástica nazista dali a 20 anos.

No Leste Europeu e no Oriente Médio, os Impérios Austro-Húngaro e Otomano caíram aos pedaços, lançando num turbilhão dezenas de línguas, etnias e culturas. Dessas ruínas fumegantes surgiram países como Checoslováquia, Iugoslávia, Iraque, Líbano e Síria. Marcados por um parto confuso e doloroso, alguns desses Estados recém-nascidos desapareceram ao longo dos anos. E outros existem até hoje, assolados por conflitos intermináveis. As atrocidades cometidas nos Bálcãs durante a década de 1990, o brutal regime de Saddam Hussein, a guerra civil que arrasou o Líbano em 1975 e a polêmica independência de Kosovo no início de 2008 são alguns dos recentes tremores causados pelo colapso da velha ordem mundial há 90 anos. As ondas de choque desencadeadas em 1914 continuam vivas e, no início do século 21, muitas luzes permanecem apagadas.

Torre de Babel

Além de grande, a 1ª Guerra foi realmente mundial. Entre 1914 e 1918, 65 milhões de soldados de diversas línguas e etnias se enfrentaram numa monstruosa Torre de Babel erguida em meio a trincheiras e arame farpado. Jamais na história um conflito militar havia reunido ao mesmo tempo tantos combatentes e tantas nacionalidades. Amarrados uns aos outros por uma rede intrincada de alianças, como um grupo de alpinistas tateando à beira do abismo, quase todos os países da Europa mergulharam na carnificina após aquele tiro nos Bálcãs que matou Francisco Ferdinando. Só escaparam Espanha, Suíça, Holanda e a Escandinávia.

Em questão de meses a conflagração européia se globalizou: era o auge do imperialismo e o resto do mundo estava atrelado à Europa, como vagões puxados por uma locomotiva. Ao longo do século 19, a Revolução Industrial – movida a vapor, carvão e eletricidade – havia trazido uma era de otimismo e pujança ao Ocidente. O telégrafo, as ferrovias e os navios integravam regiões antes incomunicáveis. Rica e poderosa como nunca, a Europa conquistara colônias na África e na Ásia e acabara dominando 84% da superfície da Terra. Mesmo países independentes, como os da América do Sul, estavam grudados por laços econômicos e diplomáticos ao pólo magnético europeu. Por isso o entrechoque das grandes potências imperialistas – que não lutavam só para proteger suas fronteiras mas pela supremacia global – foi sentido nas terras e nas águas mais distantes do planeta. Ingleses e alemães duelaram nos oceanos Atlântico e Índico. As colônias germânicas na África e na Ásia transformaram-se em ferozes campos de batalha (*leia mais no quadro da pág. 15*). E, à medida que a “guerra para acabar com todas as guerras” se prolongava, mais e mais países não europeus seguiram a locomotiva des governada e entraram na briga – inclusive o Brasil.



Tropa aliada no Egito, a milhares de quilômetros dos fronts europeus: guerra espalhada por 3 continentes.

O primeiro conflito maciço da era industrial gerou um volume inédito de deslocamento humano. No casco de navios ou em vagões de trens, exércitos recrutados em colônias distantes foram levados para a morte do outro lado do mundo. Tropas da Austrália e da Nova Zelândia atravessaram mais de 10 mil quilômetros para invadir Império Otomano. Soldados hindus e paquistaneses lutaram na Síria, na Palestina e na Tanzânia. Argelinos, marroquinos e vietnamitas engrossaram os batalhões franceses. Enquanto isso, multidões civis fugiam dos bombardeios e das ocupações inimigas, gerando o primeiro êxodo maciço de refugiados do século 20. Cerca de 4 milhões de gregos, turcos, armênios, búlgaros e russos se transformaram em massas apátridas, vagando de país em país em busca de emprego.

A mundialização do conflito chegou ao ápice em julho de 1917, quando tropas dos EUA – que desde o sé-



culo 18 evitavam se meter em assuntos europeus – atravessaram o Atlântico para guerrear no Velho Mundo. Ao romper o tabu do isolacionismo (uma regra imposta por seu primeiro presidente, George Washington), eles deixaram de ser uma potência regional e iniciaram sua marcha até o topo do mundo. Quando o primeiro soldado americano desembarcou na Europa, foi aberto o precedente para futuras intervenções em lugares distantes do planeta – por motivos justos ou não.

Banho de sangue

Além de mover fronteiras e deslocar populações, o cataclismo de 1914 deixou outro legado duradouro: o monstro da “guerra total”, termo cunhado em 1916 para descrever a forma de guerrear que estava surgindo. Durante o século 19, os conflitos armados seguiam

– pelo menos na teoria – as boas maneiras aristocráticas. Acreditava-se que a violência devia se limitar aos campos de batalha: guerrear era arrasar exércitos e ponto final. A destruição de cidades e populações civis era vista como uma forma de barbárie. Terminado o duelo, os diplomatas podiam embainhar as espadas, apertar as mãos e brindar sem ressentimentos. Esse cavalheirismo entre rivais foi por terra em 1914. Dessa vez, as grandes potências se digladiavam com objetivos megalomânicos e ilimitados: cada qual planejava se transformar no império mais poderoso da Terra. Para tanto, era preciso aniquilar totalmente o adversário. E não apenas seus exércitos mas também seu poderio industrial e econômico. Fábricas, plantações e cidades se tornaram alvos estratégicos. Resultado: a distinção entre civis e combatentes evaporou. A 1ª Guerra Mundial não foi só um combate de exércitos mas de socie-



Soldados cuidam de seus mortos em abril de 1918: uma carnificina monstruosa e sem precedentes.

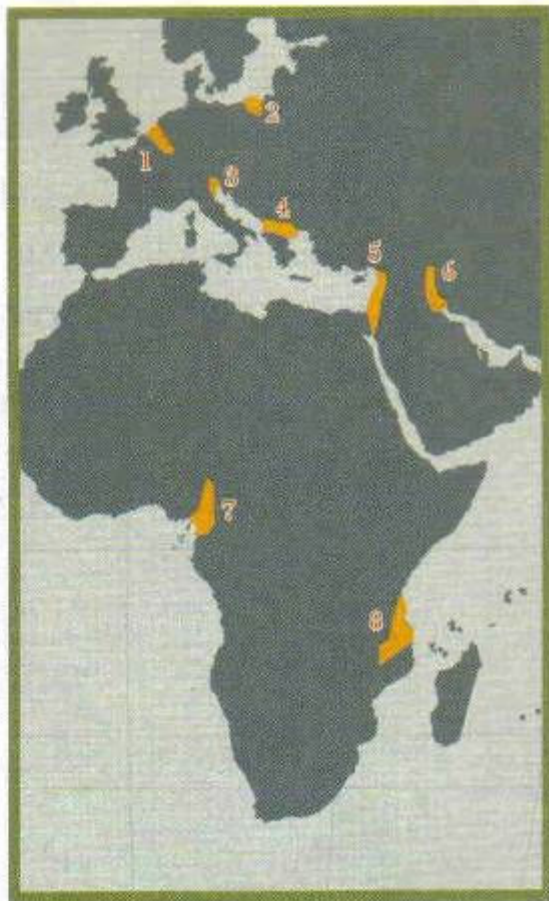
dades inteiras. Envolveu os soldados que penavam nas trincheiras, as famílias que racionavam comida e as mulheres que deixavam os lares para trabalhar em fábricas de armamentos – e que podiam, a qualquer momento, ser trucidadas por bombas caídas do céu. Até as taxas de natalidade eram usadas como arma. Quanto mais crianças nascessem, mais cidadãos poderiam morrer em nome da pátria no longo prazo. Por isso, a propaganda maciça ganhou um lugar central no esforço de guerra (*leia mais na reportagem da pág. 38*).

A lógica da guerra total mancharia de sangue civil todo o século 20. “Desde a 1ª Guerra, o número de mortes entre civis tem sido muito maior que as baixas militares em todos os países beligerantes, à exceção dos EUA”, escreve o historiador Eric Hobsbawm em *A Era dos Extremos* (Companhia das Letras, 1995). O delírio da aniquilação mútua foi alimentado por novas tecnologias. Considerada o primeiro conflito totalmente mecanizado na história, a guerra travada entre 1914 e 1918 marcou a estréia de diversos equipamentos que até hoje são

usados para matar e conquistar. Milhares de pessoas acabaram sepultadas no fundo do oceano ao final de combates entre submarinos e navios. Aviões e dirigíveis foram usados para pulverizar inimigos. Milhões de soldados morreram envenenados por gases tóxicos. Outros tantos foram esmagados por tanques. Cientificamente programada, a morte se transformava em equação matemática. Foi a partir de 1914 que a guerra se tornou uma coisa estatística e impessoal: um apertar de botões ou puxar de alavancas significava a destruição de um inimigo cujo rosto, muitas vezes, nem sequer era visto. Jamais a tecnologia e a ciência – vistas até então como anjos da guarda do progresso humano – haviam sido usadas de forma tão destrutiva. E nunca o mundo testemunhara uma carnificina tão monstruosa. Quando a poeira baixou, em 1918, a civilização ocidental ficou chocada com os números do conflito: foram quase 20 milhões de mortos e outros 20 milhões de feridos. Antes disso, a última guerra travada em solo europeu – a Guerra Franco-Prussiana, de 1870 – havia matado 200 vezes menos.

ONDE ACOBRA MAIS FUMOU

- 1 Front ocidental
- 2 Front oriental
- 3 Front italiano
- 4 Front balcânico
- 5 Front palestino
- 6 Front da Mesopotâmia
- 7 Zona de guerra dos Camarões
- 8 Zona de guerra da África Oriental



A Europa nunca se recuperou do trauma da 1ª Guerra Mundial. Entre os ex-combatentes, muitos enlouqueceram. Alguns se tornaram poetas e pacifistas. E outros, brutalizados pelos horrores do front, foram engrossar as fileiras de movimentos fascistas que ganharam corpo no pós-guerra. Entre os rancorosos veteranos que retornaram derrotados à Alemanha, havia um jovem soldado raso chamado Adolf Hitler. “O conflito não resolveu nada, apenas agravou as rivalidades que já existiam em 1914”, escreve Hobsbawm. Apesar dos tratados, armistícios e esforços diplomáticos, a era de calamidades inaugurada pelo atentado em Sarajevo estava longe de acabar – e a contagem regressiva para a 2ª Guerra Mundial havia começado. Por isso, muitos historiadores acreditam que 1914 marca o fim do confiante século 19 e o início do brutal século 20. O poeta francês Paul Valéry exprimiu esse desencanto no ensaio *Cartas sobre a Crise do Espírito*, de 1919. Contemplando a matança que sepultara o otimismo progressista do Ocidente, ele escreveu: “Nossa civilização agora sabe que é mortal”. 🌐



O DONO DA ÁFRICA

Mestre das táticas de guerrilha, Vorbeck foi um dos últimos alemães a se entregar.

Para o antes orgulhoso Império Alemão, a 1ª Guerra Mundial não foi apenas uma derrota. Ela significou uma humilhação de proporções inimagináveis. Daqueles 4 anos de conflito, no entanto, os alemães conseguiram ao menos uma grande – e surpreendente – vitória moral. O homem que salvou a honra germânica entre tantas derrotas foi o coronel Paul Emil von Lettow-Vorbeck. Geralmente comparado ao inglês Lawrence da Arábia (leia mais na reportagem da pág. 50), Vorbeck foi um dos grandes mestres da guerrilha no século 20. Seis meses antes do atentado em Sarajevo, que matou o arquiduque Francisco Ferdinando, ele recebeu o comando das tropas alemãs na colônia da África Oriental, que incluía os atuais Burundi, Ruanda e partes da Tanzânia. Quando a guerra estourou, o comandante alemão ficou isolado da metrópole pelos canhões da Marinha britânica. Entregue à própria sorte, organizou uma tropa de 3 mil oficiais alemães e 11 mil askaris – uma etnia local. Durante 4 anos, Vorbeck e seus guerrilheiros, mal armados e mal alimentados, sobreviveram em selvas inóspitas, vagaram por desertos e venceram todas as batalhas que travaram – fazendo ataques de surpresa, dinamitando ferrovias e depois desaparecendo no interior da África. Sua maior façanha ocorreu em novembro de 1914, quando 1 000 soldados africanos comandados por ele destroçaram 8 mil britânicos e hindus na baía de Tanga, na Tanzânia. A fama de Vorbeck era tão grande que até seus inimigos o admiravam. Todos os oficiais ingleses que o combateram descreviam-no como um cavalheiro. O coronel só se rendeu em 1918, quando a guerra no front ocidental já havia acabado. Voltou à Alemanha como herói nacional e tentou – inutilmente – organizar uma oposição política a Adolf Hitler na década de 1930.

DISTÚRBIOS BIPOLARES

Às vésperas da guerra, potências europeias disputavam uma louca corrida armamentista e dividiam o continente em dois blocos antagônicos.

TEXTO BIANCA NUNES ILUSTRAÇÕES JEFFERSON COSTA

Na primeira década do século 20, o mapa da Europa poderia ser quase todo desenhado com apenas dois lápis de cor: de um lado, os países que formaram a Tríplice Aliança – Alemanha, Áustria-Hungria e Itália; de outro, as nações que deram origem à Tríplice Entente – França, Grã-Bretanha e Rússia. À primeira vista, tudo não passava de um alinhamento natural entre Estados com interesses comuns. Mas é óbvio que tamanha polarização não poderia cheirar muito bem. Enquanto as maiores potências europeias se juntavam para manter equilibrada a balança do poder, uma corrida armamentista sem precedentes acirrava os ânimos entre elas.

Três dessas potências impunham respeito não apenas por seu crescente poderio bélico. Para franceses, britânicos e alemães, o século 19 tinha sido um período de profunda transformação social e econômica. Foram décadas seguidas de intenso desenvolvimento, especialmente nas indústrias química e siderúrgica. No rastro da modernização de sua economia, populações cresceram, descobertas científicas se multiplicaram e inovações tecnológicas tornaram-se corriqueiras.

A cada avanço, porém, uma nova carta ia parar na manga dos generais de plantão. Armamentos mais e mais poderosos eram inventados a todo instante. Rádio e telefone revolucionaram as comunicações, facilitando como nunca o planejamento de operações militares. Trens e navios a vapor, cada vez mais velozes, já não precisavam de semanas para transportar regimentos inteiros até uma frente de batalha. Agora longas viagens eram feitas em poucos dias. E novidades como os motores a diesel finalmente transformaram submarinos em máquinas de guerra potencialmente letais.

“Mobilizar exércitos gigantescos tornou-se perfeitamente possível”, diz o historiador Stephen Badsey, da Universidade de Wolverhampton, na Inglaterra. “Em

1914, França, Alemanha, Áustria-Hungria e Rússia já tinham, juntas, algo entre 3 milhões e 6 milhões de combatentes à disposição.” Numa Europa dividida por nações imperialistas, que alimentavam rixas históricas e mostravam-se sempre dispostas a ampliar seus domínios, o resultado dessa equação não poderia ser outro: um conflito militar de proporções inimagináveis.

Locomotiva alemã

A Alemanha começou a virar uma pedra no sapato de britânicos e franceses logo após sua unificação, concluída em 1871 e comandada pelo “chanceler de ferro”, Otto von Bismarck. Dali em diante, o país embarcou num processo de desenvolvimento que, embora tardio, revelou-se impressionantemente acelerado. Não demorou para que França e Grã-Bretanha, acostumadas ao exercício de um poder hegemônico sobre a Europa, se sentissem ameaçadas. “Os alemães tinham um Exército moderno e uma Marinha em expansão”, afirma Nicholas Martin, professor do departamento de Estudos Alemães da Universidade de Birmingham, na Inglaterra. “Os rivais acreditavam que eles tinham planos de ampliar suas fronteiras.”

Em poucos anos, a Alemanha converteu-se numa espécie de locomotiva da Europa. Sua indústria siderúrgica passou a produzir mais ferro e aço que França e Grã-Bretanha juntas. A produção de carvão cresceu 800%. E sua população saltou de 41 milhões, em 1870, para 66 milhões, em 1914. Detalhe: boa parte desse milagre econômico deveu-se às ricas províncias de Alsácia e Lorena, tomadas dos franceses ao final da guerra Franco-Prussiana, em 1871. A França jamais engoliu a perda desses preciosos territórios. E sentia-se alfinetada a cada demonstração de sucesso dos oponentes.

Rede de intrigas

A Europa estava metida num emaranhado de relações perigosas quando o século 20 começou.

GRÃ-BRETANHA

Até gostava da ideia de uma Alemanha forte, que fizesse alguma sombra à eterna rival França. Mas nem tanto.

ALEMANHA E ÁUSTRIA-HUNGRIA

Irmãos de sangue, faziam qualquer negócio para garantir um lugar entre as potências europeias.

RÚSSIA

Pobre e atrasada, preferia evitar encrenca com os vizinhos austro-húngaros. Mas encontrou na França um bolso amigo.



FRANÇA

Pobre coitada: antes da guerra, sofreu com britânicos e alemães, que não suportavam a ideia de vê-la forte demais.

ITÁLIA

Fechou com Alemanha e Áustria-Hungria antes da guerra, mas foi para as frentes de batalha junto com os Aliados.

IMPÉRIO OTOMANO

Perdeu a Bósnia e a Herzegovina para os austro-húngaros em 1908. Mas tudo bem. A Áustria era inimiga dos seus inimigos nos Balcãs.

Os alemães queriam transformar sua Marinha numa armada tão poderosa quanto a britânica. A corrida armamentista parecia irrefreável. E tudo indicava que a próxima guerra na Europa levaria a uma destruição jamais vista.

Do outro lado da Europa, conflitos fronteiriços e rixas veladas também geravam inquietação. A Rússia e o Império Austro-Húngaro, assentados sobre uma variedade de etnias, lutavam para evitar a desintegração de seu território. Financiados pela França, os russos tentavam modernizar sua economia. Mas temiam que o processo desse asas à imaginação de minorias e estimulasse movimentos separatistas. Já os austríacos se preocupavam com a Sérvia, que não escondia o desejo de unir todos os sérvios e croatas numa única nação. Como havia duas vezes mais sérvios no Império Austro-Húngaro do que na própria Sérvia, essa intenção só poderia soar como ameaça.

Foi nesse contexto tumultuado que, no final do século 19, as potências européias procuraram se alinhar de maneira defensiva. Em 1879, Alemanha e Áustria-Hungria firmaram um acordo de proteção contra possíveis ataques da Rússia. Três anos mais tarde, em 1882, a Itália – rival da França no Mediterrâneo – juntou-se aos dois países, constituindo a Tríplice Aliança. A contrapartida veio em 1904, com a assinatura de um tratado entre França e Grã-Bretanha. Três anos depois, em 1907, o Império Russo aderiu ao bloco, dando origem à Tríplice Entente.

Tensão nos Bálcãs

Ocupada demais com a administração de seu vasto império ultramarino, a Grã-Bretanha só foi se dar conta do real perigo que a Alemanha representava na passagem do século 19 para o século 20. Àquela altura, os alemães não apenas expandiam sua Marinha de Guerra – queriam transformá-la numa armada tão poderosa quanto a britânica. O troco veio na mesma moeda, com o Reino Unido aumentando o ritmo de sua produção naval. Mas a Alemanha não deixou barato e reforçou seu Exército, ampliando-o em 30%.

A corrida armamentista parecia irrefreável. E tudo indicava que a próxima guerra na Europa levaria a níveis de destruição jamais vistos.

Enquanto alianças se consolidavam entre as principais potências, mais um barril de pólvora entrou em cena. Nos Bálcãs, duas províncias turcas – Bósnia e Herzegovina – foram formalmente anexadas pelo Império Austro-Húngaro em 1908. Os sérvios, que também estavam de olho naqueles territórios, ficaram inconformados e deram início à convocação de estrangeiros dispostos a lutar pela construção da Grande Sérvia. Quatro anos mais tarde, eles se uniram à Bulgária para expulsar os turcos da Europa. Junto com gregos e montenegrinos, formaram a Liga Balcânica, que logo em seguida declarou guerra ao Império Otomano. Um mês depois, já não restava um único turco em território europeu.

O triunfo dos sérvios e seus aliados desestabilizou o Império Austro-Húngaro. Agora calar a Sérvia era uma questão de soberania. Em 1914, o governo austríaco decidiu promover operações militares na Bósnia, numa clara provocação à vizinha rival. Francisco Ferdinando, sobrinho do imperador austríaco e herdeiro do trono, foi enviado para Sarajevo como observador. O clima nas ruas da capital bósnia era tenso. E a situação pegou fogo de vez quando, no dia 28 de junho daquele ano, Ferdinando foi assassinado por um integrante da organização clandestina Mão Negra, que lutava pela criação da Grande Sérvia. Era o que faltava para mergulhar toda a Europa num conflito armado. Em 28 de julho, a Áustria-Hungria declarou guerra à Sérvia, levando a Rússia a mobilizar suas tropas em defesa do país aliado. No dia 1º de agosto, foi a vez de a Alemanha se manifestar, declarando guerra ao Império Russo. França e Grã-Bretanha entraram na briga logo em seguida. O sistema de alianças que dominava o continente funcionou. Assim teria início a 1ª Guerra Mundial. 🌐



Francisco Ferdinando e a esposa, Sofia, pouco antes de serem assassinados.

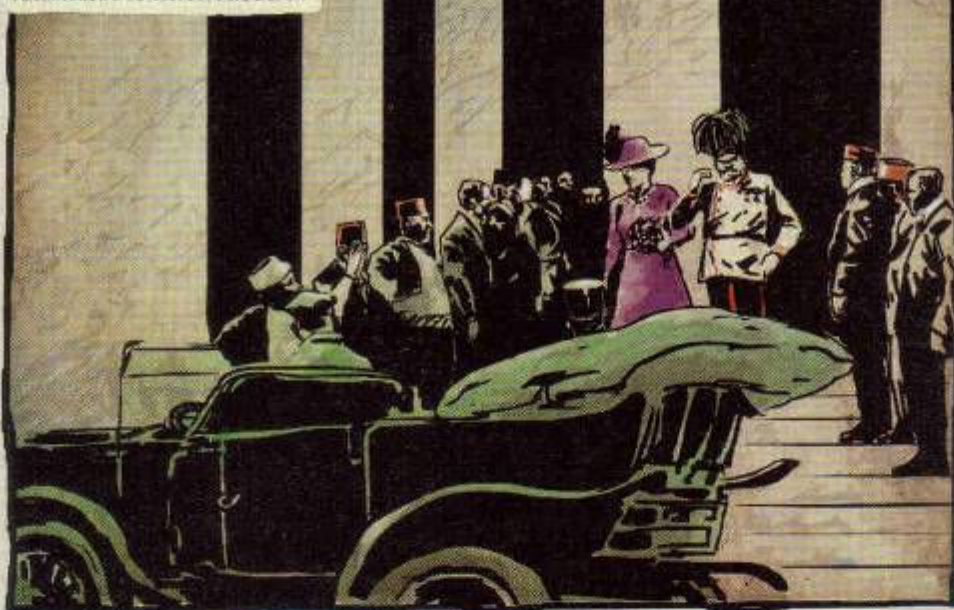
TIROS EM SARAJEVO: VAI COMEÇAR A GRANDE GUERRA

Por pouco o arquiduque Ferdinando não escapa do atentado que tirou sua vida, matou sua esposa e deu início a um dos conflitos mais sangrentos da história.

Vire a página e descubra como foi.

TEXTO FERNANDO DE MARTINI

SARAJEVO, 28 DE JUNHO DE 1914:
PELA SEGUNDA VEZ NO DIA, O ARQUIDUQUE
FRANCISCO FERDINANDO SAÍRÁ DE CARRO
PELAS RUAS DA CAPITAL DA BÓSNIA,
ACOMPANHADO DE SUA ESPOSA, SÓFIA.



NAS ÚLTIMAS DÉCADAS, TEM SIDO
PERIGOSO PARA A REALEZA EUROPEIA
PASSAR NO MEIO DO POVO. E É BEM
PROVÁVEL QUE O ARQUIDUQUE ESTEJA
PENSANDO NISSO.

SÃO PETERSBURGO, 14 DE MARÇO DE 1881:
O CEAR ALEXANDRE 2º ATRAVESSA UMA
PONTE EM SUA CARRELAGEM E É CORTADO
AO MEIO POR UMA BOMBA DO NAROD -
ORGANIZAÇÃO INSPIRADORA DOS
BOLCHEVIQUES.



LISBOA, 1º DE FEVEREIRO DE 1908:
NO MESMO ANO EM QUE O IMPÉRIO
AUSTRO-HUNGARO ANEXA A BÓSNIA,
O REI CARLOS 1º DE PORTUGAL É
MORTO A TIROS EM SUA CARRELAGEM.
ELE ERA HABSBURGO, COMO O
ARQUIDUQUE.

SARAJEVO, ALGUMAS HORAS ATRÁS:
NEDELJKO CABRINOVIC, DA ORGANIZAÇÃO
SÉRVIA MÃO NEGRA, ATRAI UMA GRANADA
NO CARRO DO ARQUIDUQUE. MAS ELA SÓ
EXPLODE JUNTO AO VEÍCULO SEGUINTE,
FERINDO PESSOAS DA COMITIVA.



FRANCISCO FERDINANDO, HERDEIRO
DO TRONO AUSTRO-HUNGARO,
ENFRENTARÁ AS RUAS NOVAMENTE,
DECIDIDO A CUMPRIR SUA MISSÃO.

QUERO MOSTRAR
NÃO SÓ A AUTORIDADE DO
IMPÉRIO AUSTRO-HUNGARO,
MAS TAMBÉM A NOSSA
AMIZADE, E DAR CONFIANÇA
AO POVO. INSISTO EM
VISITAR OS
FERIDOS.



MAS O ARQUIDUQUE
TEM RAZÕES PARA
SE PREOCUPAR.

GOVERNADOR
POTTORREK, ACHA
QUE VÃO ATIRAR
MAIS BOMBAS?

VOSSA ALTEZA
PENSA QUE AS RUAS
ESTÃO CHEIAS DE
ASSASSINOS?



SARAJEVO, RUA FRANCISCO JOSÉ, CAFÉ SCHILLER. GAVRILO PRINCIP, 19 ANOS, UM DOS INTEGRANTES DA MÃO NEGRA, COME UM SANDUICHE.

NAS ÚLTIMAS HORAS, TEM SIDO MALGUCEDIDO O PLANO DE ASSASSINAR O ARQUIDUQUE.



E É BEM CAPAZ QUE PRINCIP ESTEJA PENSANDO NISSO.

GABRINOVIC FALHOU E FOI PRESO. NÃO TARDARÃO A PRENDER-NOS TAMBÉM!

VAMOS FUGIR PARA VIVER E LUTAR OUTRA VEZ... PELA LIBERDADE DA BÓSNIA!



NÃO ESTOU AQUI PARA VIVER, MAS PARA MORRER! PELA BÓSNIA E PELA GRANDE SÉRVIA!

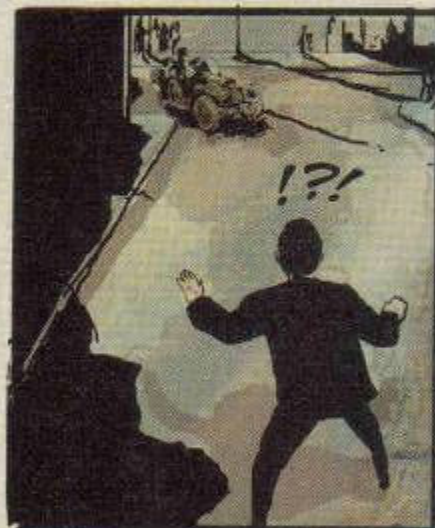
VOLTO LOGO. NÃO CONSIGO PENSAR DE ESTOMAGO VAZIO!

DE ESTOMAGO CHEIO, MAS COM A ALMA VAZIA, PRINCIP TEM O OLHAR PERDIDO NO FIM DA RUA. TUBERCULOSO, SABE QUE NÃO VIVERÁ MUITO, E QUER MORRER COMO HERÓI.

FALTA DE SORTE...



MAS O MUNDO, ASSIM COMO OS MOTORISTAS, COSTUMA DAR VOLTAS QUE NINGUÉM IMAGINA.



QUE É ISSO? ESTÁ SEGUINDO PELO CAMINHO ERRADO!

GOVERNADOR, MANDE O MOTORISTA VOLTAR!



TERRA DE NINGUÉM, ABRIL DE 1918. NO EXATO MOMENTO EM QUE O ASSASSINO DE FRANCISCO FERDINANDO MORRE DE TUBERCULOSE NA PRISÃO, UM JOVEM SOLDADO AGONIZA, CRIVADO DE BALAS.

NOS ÚLTIMOS ANOS, TEM SIDO CURTA A VIDA DE TODA UMA GERAÇÃO DE JOVENS EUROPEUS. MAS É BEM CAPAZ QUE ESTE AQUI NÃO PENSE EM MAIS NADA DISSO.



TRINCHEIRAS



Trincheira alemã
em 1918: no
front ocidental,
pás foram tão
importantes
quanto fuzis.

FOTO: BETTMANN CORBIS

INFERNO NA TERRA

Entrincheirados, os soldados escapavam das balas inimigas. Mas encaravam muita lama, infestações de piolhos, e ratos que se alimentavam de cadáveres.

TEXTO RICARDO BONALUME NETO

Não foi um militar, mas um civil, quem primeiro adivinhou como seria a 1ª Guerra Mundial. Em 1897, o banqueiro polonês Ivan Bloch escreveu um livro chamado *O Futuro da Guerra*, no qual previu o impasse e a assustadora carnificina que caracterizariam o conflito. Ele percebeu que a formação de exércitos gigantescos e a letalidade dos novos armamentos criaria uma situação inusitada: em caso de confronto, a vantagem seria da defesa, e não do ataque. Para Bloch, a pá se transformaria numa ferramenta tão importante nas frentes de batalha quanto o fuzil, porque os soldados teriam de cavar trincheiras para fugir do fogo inimigo. O banqueiro morreu 4 anos antes do início da guerra. Uma pena: se tivesse vivido pelo menos até o final de 1914, teria descoberto que suas previsões estavam absolutamente corretas.

Em agosto daquele ano, os alemães colocaram em prática o Plano Schlieffen, elaborado quase uma década antes, em 1905. Ele previa que, em caso de uma guerra envolvendo toda a Europa, o primeiro país a ser derrotado – da maneira mais rápida possível – deveria ser a França. Assim, Rússia e Grã-Bretanha, suas principais aliadas, não conseguiriam permanecer na luta sozinhas. Foi desse jeito que a 1ª Guerra Mundial começou, e de uma forma muito parecida com a de conflitos anteriores: grandes contingentes levados de trem até os fronts, tropas se movendo rapidamente e bombardeios maciços de artilharia.

Quase 90% do Exército alemão foi mobilizado para a ofensiva. A idéia era levar a cabo uma campanha relâmpago: em apenas 6 semanas, as tropas do imperador Guilherme 2º deveriam estar marchando sobre Paris. Mas nem tudo saiu como o planejado. Levar milhões de soldados ao campo de batalha era fácil. Difícil era fazê-los avançar debaixo de fogo intenso, promovido por uma variedade de armas modernas – como fuzis de repetição, metralhadoras e canhões de tiro rápido.



Britânicos entrincheirados na França, em 1918: total monotonia entre um ataque inimigo e outro.

As tropas da Alemanha acabaram sendo barradas em duas grandes batalhas: a do Marne, entre os dias 5 e 12 de setembro de 1914, e a de Ypres, de outubro a novembro do mesmo ano. Para manter sob controle o território conquistado, os soldados alemães passaram à defensiva. Chegava ao fim a fase de movimentação e começava a guerra de trincheiras. Até o final do conflito, em 1918, os dois lados não saíam de um impasse. A cada nova batalha, o sacrifício de milhares de combatentes renderia avanços quase sempre insignificantes, que raramente passariam de 15 ou 20 quilômetros.

Covas rasas

O entrincheiramento significava que só a artilharia poderia decidir a guerra – e os números comprovavam essa realidade. Segundo o historiador britânico John Keegan, especialista em conflitos militares, apenas 1% dos ferimentos foi provocado por baionetas nos 4 anos de combates. Balas de fuzis ou metralhadoras responderam por 30% das baixas, entre mortos e feridos. O restante sofreu por obra das granadas.

As trincheiras começavam a ser cavadas como uma simples vala, funda o suficiente para proteger um homem dos tiros inimigos, mas não tão larga a ponto de ser um alvo fácil. Elas tinham a forma de ziguezague para impedir que os adversários ou uma granada de obus que caísse dentro delas pudessem causar muito estrago numa direção reta. Quando a primeira proteção ficava pronta, imediatamente dava-se início à construção de abrigos subterrâneos, para proteger os soldados dos bombardeios. Nas áreas mais estabilizadas do front, esses abrigos podiam até ter certos luxos, como luz elétrica, tapetes e camas. Alguns ficavam a 10 metros de profundidade e resistiam aos mais pesados ataques de artilharia.

O que não faltava, porém, era desconforto. Tanta terra removida significava muita lama quando chovia. Ratos eram abundantes e muitas vezes se alimentavam de cadáveres insepultos. Infestações de piolhos também tornaram-se comuns, já que os soldados raramente trocavam de roupa e passavam semanas sem tomar banho. O escritor Robert Graves, que participou da 1ª Guerra como oficial do Exército britânico, registrou

em seu livro de memórias um episódio exemplar: “Certa vez, um novo oficial se juntou à companhia. Num gesto de boas-vindas, recebeu um abrigo contendo uma cama com molas. À noite, ele ouviu ruídos, apontou a lanterna, e descobriu dois ratos em cima de seu coberter que brigavam pela posse de uma mão amputada. A história circulou como uma grande piada”.

As condições insalubres fizeram surgir novas doenças, como a febre-de-trincheira, causada por uma bactéria transmitida pelos piolhos, e o pé-de-trincheira, uma infecção provocada por fungos por causa da umidade ou do uso de botas apertadas. Quando não tratada a tempo, ela podia resultar na amputação dos pés.

Tiro na testa

Fora o ziguezague, não existia um formato-padrão para as trincheiras. Tudo dependia do setor em que elas eram construídas (numa frente de batalha mais ou menos “quente”, por exemplo) ou do tipo de terreno. O espaço entre as linhas de trincheiras inimigas, conhecido como “terra de ninguém”, também variava bastante. Em geral, era de 200 a 300 metros – uma distância tão pequena que inviabilizava qualquer tentativa de movimentação durante o dia. Atiradores de tocaia estavam sempre de prontidão, atentos ao menor sinal de movimento. O erro mais comum de um soldado novato era levantar a cabeça para dar uma espiada acima do parapeto. Morria na hora com um tiro na testa.

Cerca de 200 metros atrás da trincheira da linha de frente, quase sempre havia outra, de apoio. E, atrás dessa, mais uma, à mesma distância, geralmente ocupada pelas tropas de reserva. Todas eram ligadas pelas trincheiras de comunicação, para que os soldados pudessem circular à vontade sem se expor ao fogo inimigo. Por elas chegavam os reforços, os substitutos daqueles que morriam, a munição, medicamentos e a comida de todo dia.

Ninguém ficava o tempo todo entrancheirado. Afinal, um período longo demais no interior de um desses “buracos” poderia facilmente enlouquecer qualquer soldado. De tempos em tempos, os homens alocados na trincheira da linha de frente eram transferidos para a das tropas de reserva, bem mais segura. Eventualmente, eles recebiam licenças ou passavam alguns dias em aquartelamentos organizados na retaguarda.

Reparar os obstáculos de arame farpado, escavar novas trincheiras de apoio ou de comunicação e patrulhar a “terra de ninguém” eram atividades rotineiras durante os monótonos intervalos entre um e outro ataque. A monotonia, no entanto, dava lugar a descargas alucinantes de adrenalina e momentos de puro terror quando a artilharia adversária fazia o chão tremer. Ou quando chegava o momento de uma ofensiva. Nesta hora, os soldados eram obrigados a abandonar sua proteção, saltar por sobre o arame e correr na direção das metralhadoras inimigas. Quase sempre, aquela era uma investida suicida. A maioria ficava pelo caminho. 🌐

CORRIDA PARA O MAR

No front ocidental, trincheiras formaram uma linha contínua de 300 quilômetros.

Quando a primeira ofensiva alemã no front ocidental foi barrada por tropas aliadas na Batalha do Marne, em setembro de 1914, os dois lados ainda apostavam na guerra de movimento, acreditando que uma campanha bem conduzida encerraria o conflito até o fim daquele ano. Seguidas tentativas de furar as linhas inimigas foram ocorrendo cada vez mais ao norte, na região dos Flandres, em território francês. A cada investida, porém, novas trincheiras eram escavadas, tanto por tropas alemãs quanto pelos exércitos de França, Grã-Bretanha e Bélgica. Resultado: em novembro daquele ano, uma impressionante sequência de fortificações já se estendia da fronteira suíça até a cidade belga de Nieuport, no mar do Norte. Nessa linha praticamente contínua, com mais de 300 quilômetros de extensão, a 1ª Guerra Mundial empacaria – até o seu final, em novembro de 1918.



BATALHA DO SOMME

O PIOR PESADELO

Cerca de 1,1 milhão de baixas em apenas 4 meses de luta. Foi esse o resultado de uma das campanhas militares mais sangrentas de todos os tempos.

TEXTO RICARDO BONALUME NETO



Cavalaria britânica em frente às ruínas de uma catedral na região do Somme; batalha foi moedor de carne humana.

“Bom progresso em território inimigo. Dizem que as tropas britânicas têm lutado com a maior galhardia e nós capturamos muitos prisioneiros. O dia está correndo muito bem para a Grã-Bretanha e a França.” Nesse telegrama enviado para a agência internacional de notícias Reuters pelo correspondente de guerra Herbert Russell, em 1º de julho de 1916, tudo parecia estar indo de vento em popa. Era o início da Batalha do Somme, uma ofensiva aliada em resposta ao avanço dos alemães na região de Verdun, em território francês ocupado.

A verdade, porém, passava longe, mas muito longe mesmo, das otimistas palavras escolhidas por Russell em seu boletim. Apenas no primeiro dia do ataque, o Exército britânico perdeu quase 60 mil soldados. E essa seria apenas uma pequena amostra do massacre que ainda viria pela frente. A ofensiva só terminaria 4 meses depois, com um saldo aterrorizante: mais de 1,1 milhão de baixas dos dois lados, entre mortos, feridos e desaparecidos. A Batalha do Somme entraria para a história como a mais sangrenta da 1ª Guerra Mundial – e uma das mais terríveis de todos os tempos.

Avanço suicida

O comando aliado tinha grandes planos para 1916. A idéia do general francês Joseph Joffre era promover um amplo avanço, que começaria mais para o meio do ano e, se tudo desse certo, colocaria fim à guerra. Mas a Alemanha atacou antes, em fevereiro, na região de Verdun. Seu objetivo: destruir as tropas da França numa violenta batalha de atrito. Para aliviar a pressão sobre os franceses, deu-se início à campanha do Somme, mais ao norte, empreendida principalmente por tropas britânicas comandadas pelo general Douglas Haig. A ofensiva pretendia obrigar os alemães a deslocar para lá parte da artilharia usada em Verdun. A estratégia deu certo, mas não impediu que as duas campanhas se transformassem nos maiores pesadelos da guerra.

O avanço sobre as linhas de defesa alemãs no Somme foi precário, edificado por uma semana de bombardeios. Cerca de 1,5 mil canhões, obuseiros e morteiros foram disparados contra uma frente de batalha que se estendia por 30 quilômetros. Segundo o historiador John Keegan, no livro *First World War* (“1ª Guerra Mundial”, sem tradução para o português), as forças britânicas envolvidas na operação tinham ao seu dispor quase 3 milhões de granadas explosivas de artilharia. O ataque parecia arrasador, mas apresenta-

va falhas graves. Ele não atingia os soldados alemães protegidos nos abrigos subterrâneos das trincheiras e abria crateras no solo que, em seguida, seriam usadas pelo inimigo como ninhos de metralhadoras.

Assim que o fogo da artilharia aliada cessou, na manhã de 1º de julho, teve início o avanço das tropas franco-britânicas. Soldados empunhando fuzis abandonaram suas trincheiras e começaram a atravessar a “terra de ninguém”, o espaço que variava de 400 a 800 metros e separava as linhas de defesa inimigas. Os alemães imediatamente saíram dos abrigos e guarneceram suas posições. Desse momento em diante, nada mais foi ouvido além de disparos de canhões, explosões de granadas e rajadas de metralhadoras. Aquele seria o pior dia na história militar da Grã-Bretanha. Dos mais de 100 mil homens destacados para a ofensiva, 58 mil ficaram pelo caminho. Desses, pelo menos 21 mil entraram para as estatísticas da guerra como mortos ou desaparecidos. A maioria foi morta pelo fogo preciso das temidas metralhadoras Maxim alemãs. “O conflito na região do Somme revelou-se uma grande máquina de moer carne humana, dignificada com o nome de batalha”, escreve o historiador britânico John MacDonald no livro *Great Battlefields of the World* (“Grandes Campos de Batalha do Mundo”, sem tradução para o português).

Arma secreta

Depois do primeiro dia, os britânicos até conseguiram avançar alguns poucos quilômetros sobre território inimigo. Mas nem chegaram perto de seu real objetivo: um espetacular e decisivo rompimento da linha de defesa alemã. Até uma “arma secreta” – o tanque de guerra britânico Mark I – foi usada pela primeira vez (leia mais nas págs. 32 e 33). Os resultados práticos, no entanto, foram decepcionantes. Dos 50 modelos empregados na batalha, a maioria acabou imobilizada por defeitos mecânicos.

Os combates no Somme se estenderam até 18 de novembro de 1916, quando as chuvas de inverno começaram a impedir qualquer tentativa de avanço. Embora os números relativos à 1ª Guerra sejam sempre aproximados, já que milhares de combatentes mortos nem sequer foram sepultados, calcula-se que a Grã-Bretanha tenha perdido 420 mil soldados. Entre os franceses, que participaram dessa batalha em menor número, as baixas chegaram a 200 mil. O preço mais alto, no entanto, foi pago pelos alemães: cerca de 500 mil combatentes mortos ou feridos. ☹

BATALHA DO SOMME

QUANDO: 1º de julho a 18 de novembro de 1916.

ONDE: região do rio Somme, França.

ADVERSÁRIOS: França, Grã-Bretanha, Austrália, Nova Zelândia, Canadá, Terra Nova, África do Sul x Império Alemão.
BAIXAS: 620 mil mortos, feridos ou desaparecidos x 500 mil mortos, feridos ou desaparecidos.

RESULTADO: vitória aliada.

GUERRA QUÍMICA

AS MÁSCARAS DO TERROR

Gás venenoso derruba soldado americano sem máscara durante ofensiva na França, em 1918: arma "mágica".

FOTO: BETTMANN CORBIS

Pela primeira vez na história, substâncias tóxicas foram usadas como armas num conflito militar. Resultado: mais de 1 milhão de baixas, entre mortos e feridos. **TEXTO RICARDO BONALUME NETO**



Considerada o primeiro conflito tecnológico da história, a 1ª Guerra Mundial foi pródiga em armamentos que, até então, jamais tinham sido vistos numa frente de batalha. Tanques, aviões e submarinos, entre outras novidades letais, aterrorizavam os soldados. Mas nenhuma dessas inovações foi mais assustadora, pelo menos à primeira vista, que os gases venenosos usados tanto por britânicos e franceses quanto por alemães.

Contra as nuvens de substâncias tóxicas lançadas sobre as trincheiras, não havia o que fazer. No máximo, os combatentes colocavam um lenço sobre o rosto e torciam por uma mudança repentina na direção do vento. Mais tarde, do meio da guerra em diante, passaram a usar máscaras antigás. Mesmo assim, nem sempre elas surtiam o efeito desejado. Estima-se que o uso de armas químicas entre 1914 e 1918 tenha provocado cerca de 1 milhão de baixas, entre mortos e feridos.

Bafo do diabo

O uso de gases tóxicos foi mais uma tentativa de quebrar o impasse da guerra de trincheiras, em que as batalhas duravam meses e muitas vezes terminavam sem vitória para nenhum dos lados. Alemães e Aliados buscavam uma arma "mágica", que fosse capaz de romper a paralisação das frentes de combate. Apostaram no uso de substâncias incapacitantes ou letais. Mas, em pouco tempo, descobriram que elas não seriam tão eficazes assim.

Embora tirassem muitos soldados de cena quase que instantaneamente, sobretudo quando pegavam os adversários de surpresa, as armas químicas da época não foram decisivas. Motivo: os exércitos continuavam incapazes de mobilizar suas reservas a tempo de aproveitar eventuais brechas abertas nas linhas inimigas.

O "bafo do diabo", na definição do veterano britânico Alan Hanbury Sparrow, acabou se transformando em mais um elemento irritante e extremamente desgastante na tenebrosa rotina que os combatentes enfrentavam enquanto estavam entinchados.

A primeira substância tóxica usada em combate foi o gás lacrimogêneo, lançado em pequenas quantidades pelos franceses contra unidades militares da Alemanha logo no começo da guerra, em 1914. Mas foram os alemães que deram início ao seu uso intensivo. No dia 3 de janeiro de 1915, eles empregaram uma substância parecida – o brometo de xilila – contra tropas russas no front oriental, durante a Batalha de Bolimov, a oeste da cidade de Varsóvia. O resultado da operação poderia ter sido desastroso para os russos, não fosse a providencial ajuda garantida pelo rigoroso inverno do Leste Europeu. Pouco volátil, o gás praticamente congelou quando foi exposto ao frio intenso.

Já o primeiro ataque na frente ocidental fez estragos bem maiores. Ele aconteceu no dia 22 de abril de 1915, durante a 2ª Batalha de Ypres, em território belga. Dessa vez, os alemães usaram o gás cloro, muito mais nocivo e perigoso que o lacrimogêneo. Cerca de 160 toneladas da substância, até então desconhecida pelos Aliados, foram acumuladas em 6 mil cilindros e liberadas quando o vento soprava na direção dos inimigos. Resultado: milhares de baixas e um rombo de aproximadamente 8 quilômetros nas linhas francesas.

Coordenado pelo cientista Fritz Haber (que, em 1918, ganharia o Prêmio Nobel de Química), o ataque foi tão bem-sucedido que pegou os próprios alemães de surpresa. Eles não souberam aproveitar aquela rara oportunidade de avanço e perderam a chance de concretizar uma ruptura que poderia ter sido decisiva. Dois dias

GASES VENENOSOS

As armas químicas que mais foram usadas nos fronts da 1ª Guerra Mundial.

BROMOACETATO DE ETILA (gás lacrimogêneo)

EFEITO: mal-estar, intensa irritação nas vias respiratórias e nos olhos.

QUEM USOU: França.

QUANDO: início da guerra, em 1914.

BROMETO DE XILILA (gás lacrimogêneo)

EFEITO: mal-estar, intensa irritação nas vias respiratórias e nos olhos.

QUEM USOU: Alemanha.

QUANDO: em 1915, no front oriental.

GÁS CLORO (Cl₂)

EFEITO: irritação das vias respiratórias, podendo causar edema pulmonar fatal.

QUEM USOU: Alemanha e Aliados.

QUANDO: de 1915 até o fim da guerra.

FOSGÊNIO

(cloreto de carbonila)

EFEITO: acessos de tosse, irritação severa das vias respiratórias por períodos de até 48 horas, podendo levar à morte por asfixia.

QUEM USOU: Alemanha e França.

QUANDO: de 1915 até o fim da guerra.

TRICLORONITROMETANO (cloropicrina)

EFEITO: poderoso agente sufocante, provoca vômitos e é capaz de matar por asfixia em 10 minutos, dependendo da concentração empregada.

QUEM USOU: Alemanha e Aliados.

QUANDO: de 1915 até o fim da guerra.

GÁS DE MOSTARDA (iperita)

EFEITO: bolhas na pele e cegueira. Destroí os alvéolos pulmonares e leva à morte por asfixia quando inalado em grande quantidade.

QUEM USOU: Alemanha e Aliados.

QUANDO: de 1917 até o fim da guerra.

depois, o gás cloro tornou a ser usado, mas contra tropas canadenses. No dia 1º de maio, nova investida, agora sobre soldados britânicos. Sem máscaras antigás, os combatentes recorriam a prosaicos lenços molhados, embebidos em água ou numa mistura com bicarbonato de sódio e colocados sobre a boca e o nariz. Alguns preferiam umedecê-los com a própria urina, acreditando que a amônia pudesse neutralizar com um pouco mais de eficiência o efeito da substância tóxica. Nada disso, contudo, parecia funcionar muito bem.

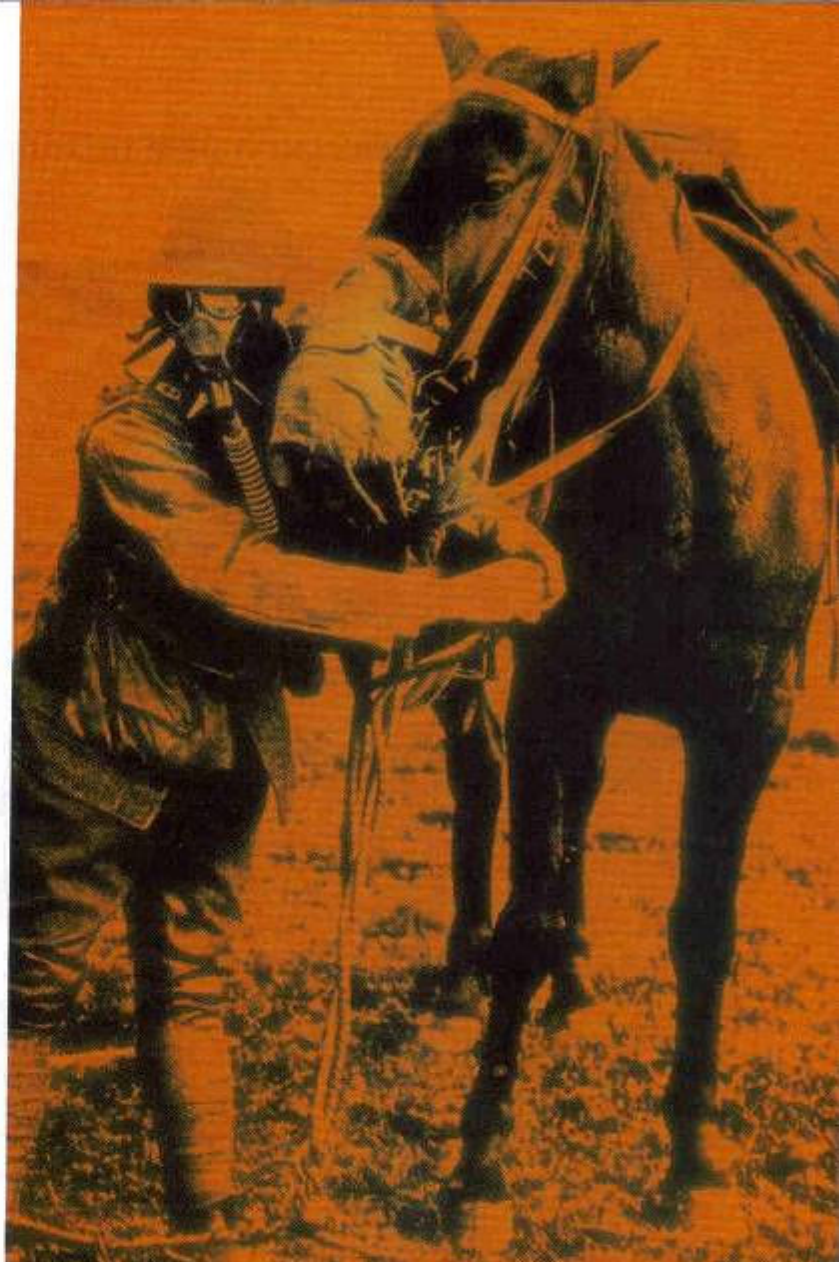
O gás cloro também foi usado pelos Aliados contra os alemães, como na tomada da cidade de Loos, na França, em setembro de 1915. Naquela batalha, os britânicos lançaram cerca de 140 toneladas da substância sobre o inimigo. Mas por pouco não acabam eles mesmos sendo as maiores vítimas do ataque químico. Com uma súbita mudança na direção do vento, a nuvem tóxica atingiu os próprios soldados da Grã-Bretanha, matando 7 deles. Era mais uma prova de que armas como aquela não seriam capazes de decidir a guerra.

Mesmo assim, o gás venenoso voltaria a ser usado em diversos momentos. Na titânica Batalha de Verdun, travada em 1916, ele quase determinou a vitória da Alemanha frente às tropas francesas, cuja artilharia foi severamente afetada pela substância. A situação se repetiu na Batalha de Caporetto, em 1917, quando tropas alemãs e do Império Austro-Húngaro atacaram com gás cloro e quase tiraram a Itália do conflito. A combinação de granadas explosivas de artilharia com granadas contendo gás causou sérios danos aos Aliados também na Ofensiva Ludendorff, em 1918. Àquela altura da 1ª Guerra Mundial, entretanto, o uso de máscaras e respiradores já estava disseminado e contribuiu para amenizar os efeitos nocivos da substância.

Pânico nas trincheiras

Uma das táticas alemãs mais temidas durante a guerra era a utilização simultânea de dois gases: um lacrimogêneo, para forçar o soldado a tirar a máscara, e outro incapacitante, como o fósforo, que sufocava as vítimas. A mais perigosa das armas químicas, no entanto, era o gás de mostarda, também conhecido como iperita. O nome vem da cor amarelada da substância. E seu efeito é devastador: produz bolhas e feridas na pele, pode levar à cegueira e causa necrose nas vias respiratórias, podendo matar por asfixia (leia mais no quadro ao lado). Os alemães foram os pioneiros no uso desse agente durante a 1ª Guerra, tanto no front ocidental quanto no oriental.

À medida que armas químicas tornavam-se comuns nas frentes de batalha, combatentes de ambos os lados foram obrigados a lançar mão de máscaras antigás e roupas protetoras. Também tiveram de se acostumar a novas rotinas, que incluíam a checagem constante dos abrigos subterrâneos, para ter certeza de que ali não havia qualquer vestígio de resíduos tóxicos. Sentinelas eram instruídas a prestar atenção o tempo todo na direção do vento. Granadas de fumaça usadas para mas-



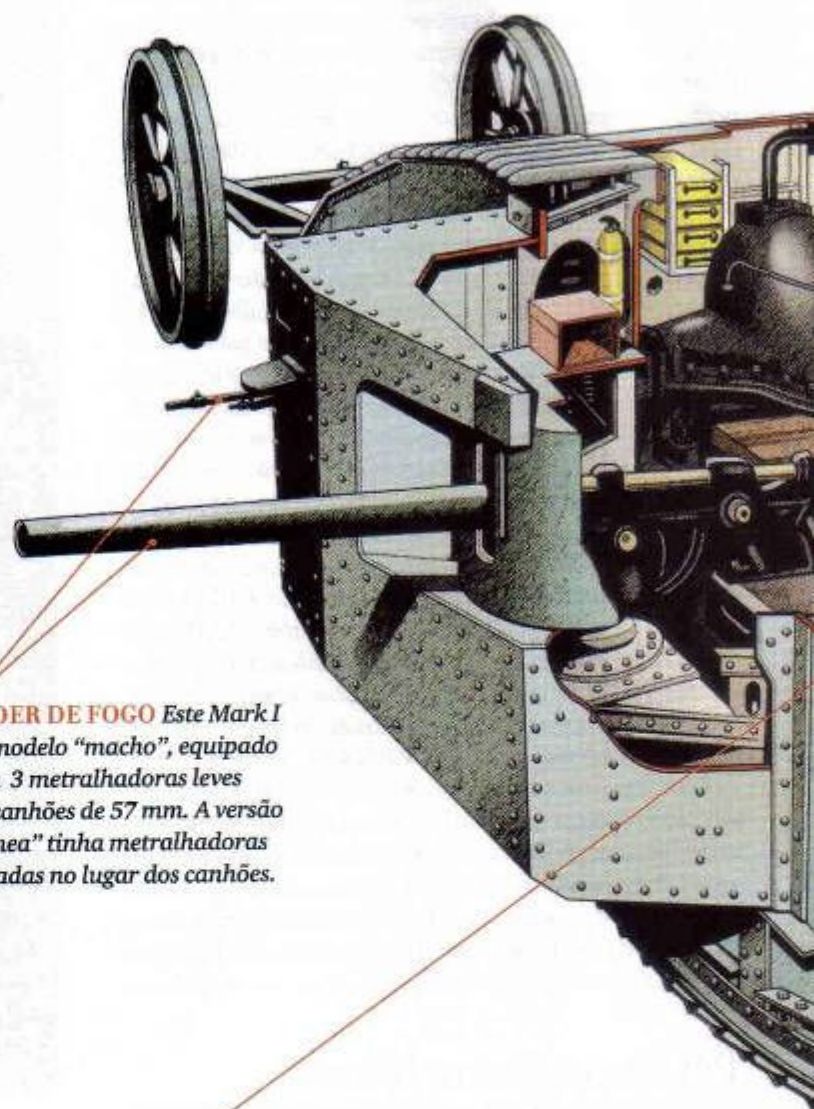
Até cavalos usaram máscaras na 1ª Guerra Mundial: arma química mais temida era o gás de mostarda.

carar um ataque eram frequentemente confundidas com armas químicas, espalhando pânico entre as tropas. Ao menor sinal de uma nuvem tóxica, os combatentes soavam uma espécie de gongo, geralmente improvisado com estojos de munição. Imediatamente, todos corriam para vestir sua máscara.

O tenente britânico Bernard Martin, em depoimento reproduzido pelo historiador Richard Holmes no livro *Tommy – The British Soldier on the Western Front* ("Tommy – O Soldado Britânico na Frente Ocidental", sem tradução para o português), relata os momentos angustiantes vividos por soldados entrancheirados em Ypres quando, em 1916, o gongo soou anunciando a aproximação de uma nuvem de gás: "Um homem estava sem máscara e em seu rosto branco havia uma expressão de horror. Vi esse homem balançar de lado, braços estendidos, tentando puxar a máscara de outro soldado. Um terceiro estava entre os dois. Um deles caiu. E tudo terminou num instante, um quadro vívido em minha memória para sempre".

COMBATE NO SOLO

No dia 15 de setembro de 1916, durante a Batalha do Somme, um tanque de guerra — o britânico Mark I — foi visto em ação pela primeira vez na história. Mas nem tudo era novidade nos fronts da 1ª Guerra. Armas como o canhão 75 Modèle 1897, a metralhadora Vickers e o fuzil Gewehr já eram velhas conhecidas.



PODER DE FOGO Este Mark I é o modelo "macho", equipado com 3 metralhadoras leves e 2 canhões de 57 mm. A versão "fêmea" tinha metralhadoras pesadas no lugar dos canhões.

MOTOR Sua potência limitava a velocidade a meros 5,9 km/h. O motor ficava no mesmo compartimento que acomodava os tripulantes. Resultado: barulho e calor quase insuportáveis.

RENAULT FT 17

TIPO: tanque de guerra.

PAÍS: França.

ARMAMENTO:
um canhão Puteaux de 37 mm.

Bem mais leve que os britânicos, ele revolucionou o design de tanques quando surgiu, em 1917. E estabeleceu o padrão para o futuro: torre com giro de 360 graus e motor traseiro.



75 MODÈLE 1897

TIPO: canhão de campanha.

PAÍS: França.

CALIBRE: 75 mm.

Símbolo da fase inicial da guerra, de movimento, tinha o sistema de recuo mais moderno da época, evitando que a pontaria tivesse de ser refeita a cada disparo. Vinha daí o seu ponto forte: a alta cadência de tiros — 15 por minuto.



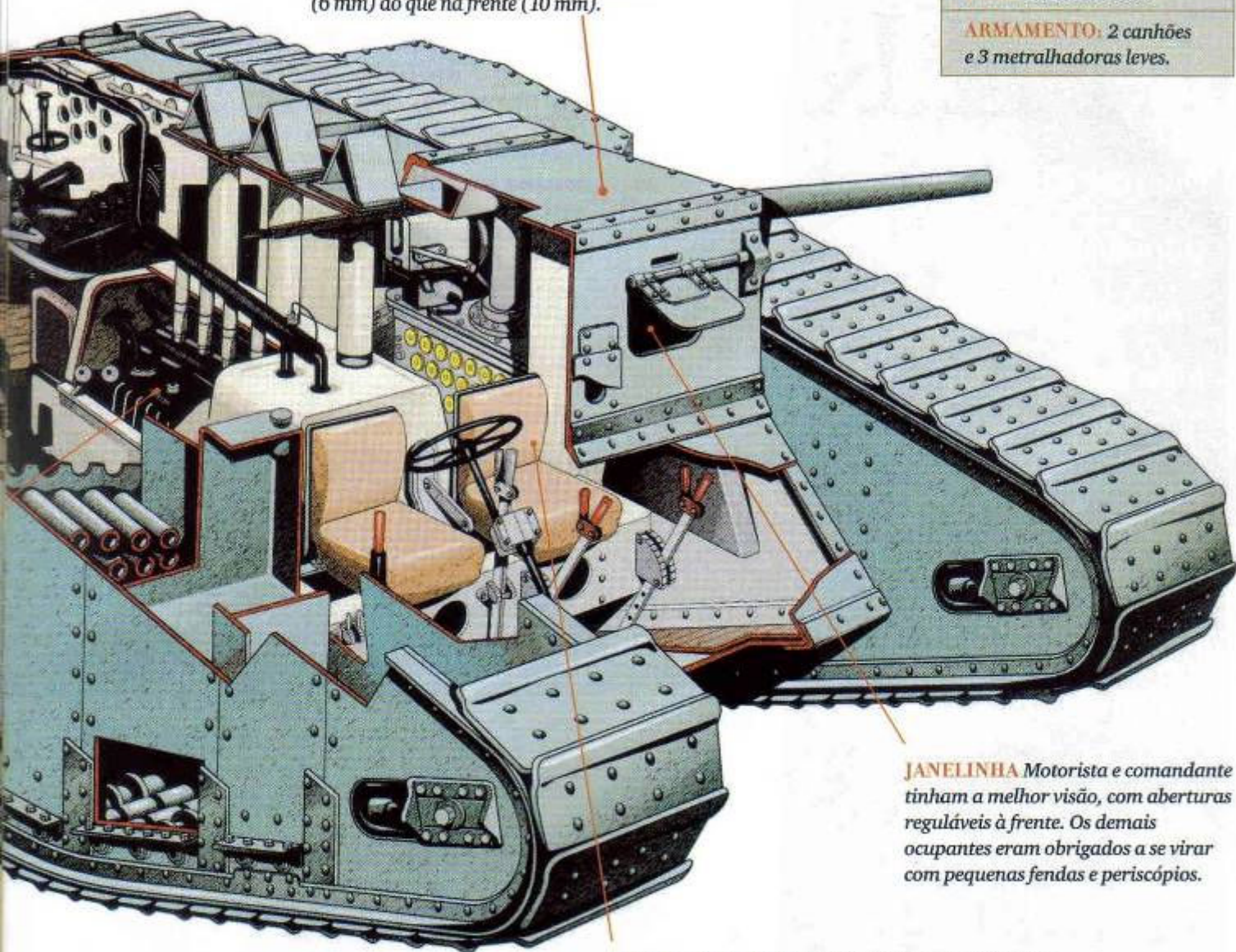
BLINDAGEM Para não ultrapassar suas já excessivas 28 toneladas, a blindagem do tanque tinha de ser menos espessa na traseira e nas laterais (6 mm) do que na frente (10 mm).

MARK I

TIPO: tanque de guerra.

PAÍS: Grã-Bretanha.

ARMAMENTO: 2 canhões e 3 metralhadoras leves.



JANELINHA Motorista e comandante tinham a melhor visão, com aberturas reguláveis à frente. Os demais ocupantes eram obrigados a se virar com pequenas fendas e periscópios.

LATA DE SARDINHAS A tripulação da "carruagem do diabo", como ficou conhecido o tanque Mark I, era composta de 8 pessoas: comandante, motorista, 2 mecânicos, 2 municiadores e 2 artilheiros.

VICKERS

TIPO: metralhadora.

PAÍS: Grã-Bretanha.

CALIBRE: 7,7 mm.

Foi uma das armas mais mortais durante a guerra de trincheiras. Assim como a alemã Maschinengewehr 08, ela derivava de uma revolucionária metralhadora automática projetada por Hiram Maxim, em 1894.



MAUSER GEWEHR 98

TIPO: fuzil.

PAÍS: Alemanha.

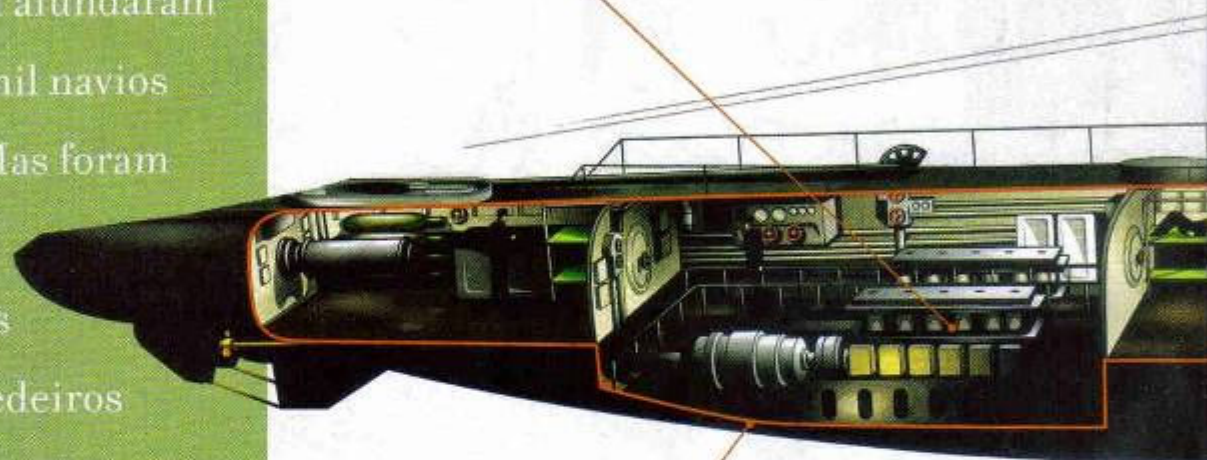
CALIBRE: 7,92 mm.

Fuzis como este, usados também com baionetas, foram a arma básica dos soldados em todas as fases da guerra e sofreram poucas alterações durante o conflito. Esta versão, de 1918, tinha carregador para 20 cartuchos.



COMBATE NO MAR

Durante a 1ª Guerra, submarinos alemães como o UBIII afundaram mais de 6,5 mil navios mercantes. Mas foram cruzadores encouraçados e contratorpedeiros que protagonizaram as batalhas navais mais eletrizantes, como a das Falklands, em 1916.



MOTOR A DIESEL

Os dois motores diesel de 550 HP, que respondiam pelo deslocamento na superfície, tornavam a operação mais segura que a de outros submarinos da época, que usavam motores a gasolina.

MOTOR ELÉTRICO A propulsão submersa, por motor elétrico de 788 HP, era garantida por baterias que acumulavam energia quando o U-boat se deslocava na superfície.

IRON DUKE

TIPO: encouraçado.

PAÍS: Grã-Bretanha.

ARMAMENTO PRINCIPAL:
10 canhões de 343 mm.

Foi a nau capitânia da frota britânica na lendária Batalha da Jutlândia. Seus canhões disparavam projéteis de 635 kg. O poderoso armamento secundário era composto de 12 canhões de 152 mm instalados em casamatas.

DERRFLINGER

TIPO: cruzador de batalha.

PAÍS: Alemanha.

ARMAMENTO PRINCIPAL:
8 canhões de 305 mm.

Na Jutlândia, foi duramente atingido. Mas não afundou, graças à blindagem mais espessa que a dos cruzadores de batalha inimigos. Em compensação, seus projéteis de 405 kg explodiram sua contraparte britânica, o Queen Mary.

UBIII

TIPO: submarino.

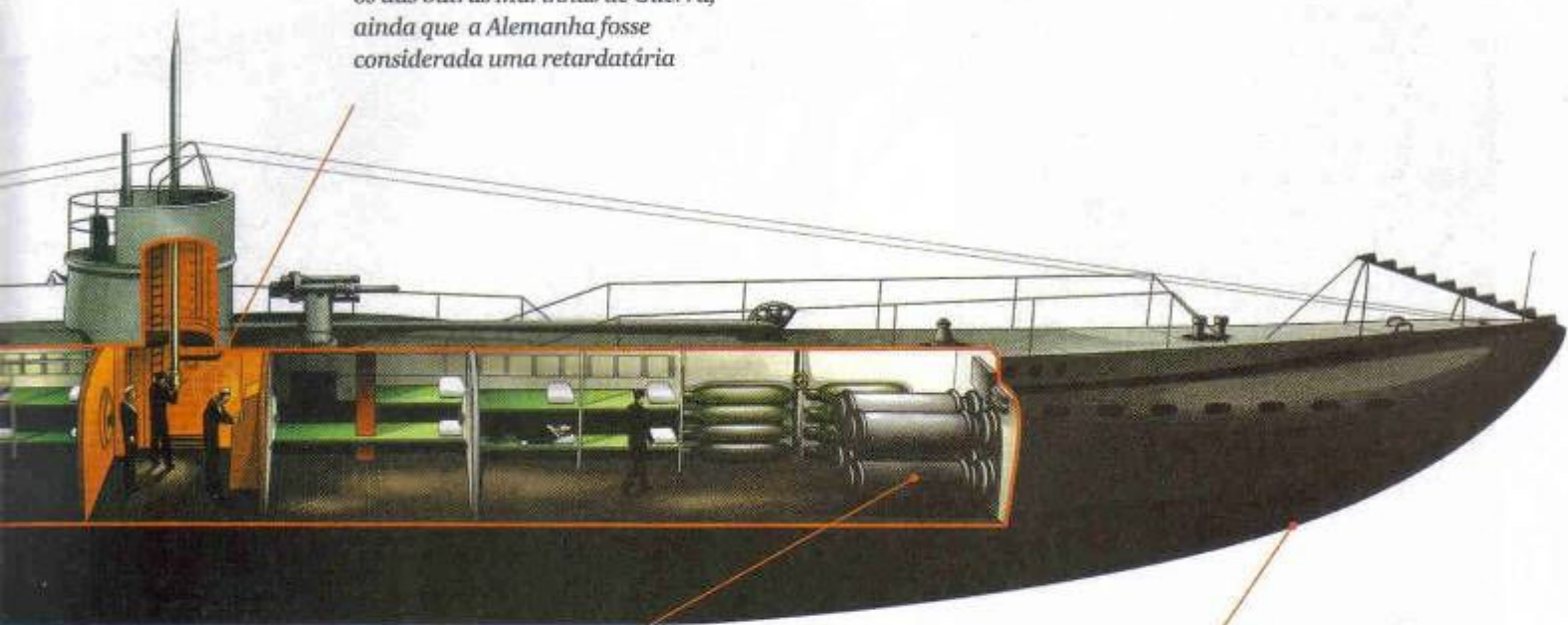
PAÍS: Alemanha.

ARMAMENTO:

10 tubos de torpedos de 500 mm e 1 canhão de 88 mm.

CENTRO DE CONTROLE

Os periscópios alemães eram mais modernos e precisos que os das outras Marinhas de Guerra, ainda que a Alemanha fosse considerada uma retardatária



TORPEDOS O UBIII carregava 4 torpedos nos tubos de proa, 1 no tubo de popa e 5 de recarga. Nos meses finais da guerra, a maioria dos ataques dependia deles, já que a intensa perseguição aos U-boats diminuía as chances de uso do canhão instalado no convés.

CASCO Os submarinos da classe UBIII eram construídos com dois cascos de aço. O interno, resistente à pressão, acomodava equipamentos e os 34 tripulantes. O externo tinha funções hidrodinâmicas.

SCHARNHORST

TIPO: cruzador blindado.

PAÍS: Alemanha.

ARMAMENTO PRINCIPAL:

8 canhões de 210 mm e 6 de 150 mm.

Nau capitânia do Esquadrão Asiático, cuja missão era interromper as rotas de comércio britânicas no Pacífico. Era bem armado para a categoria, mas não foi páreo para os cruzadores de batalha no confronto das Falklands.



CLASSE V

TIPO: contratorpedeiro.

PAÍS: Grã-Bretanha.

ARMAMENTO PRINCIPAL:

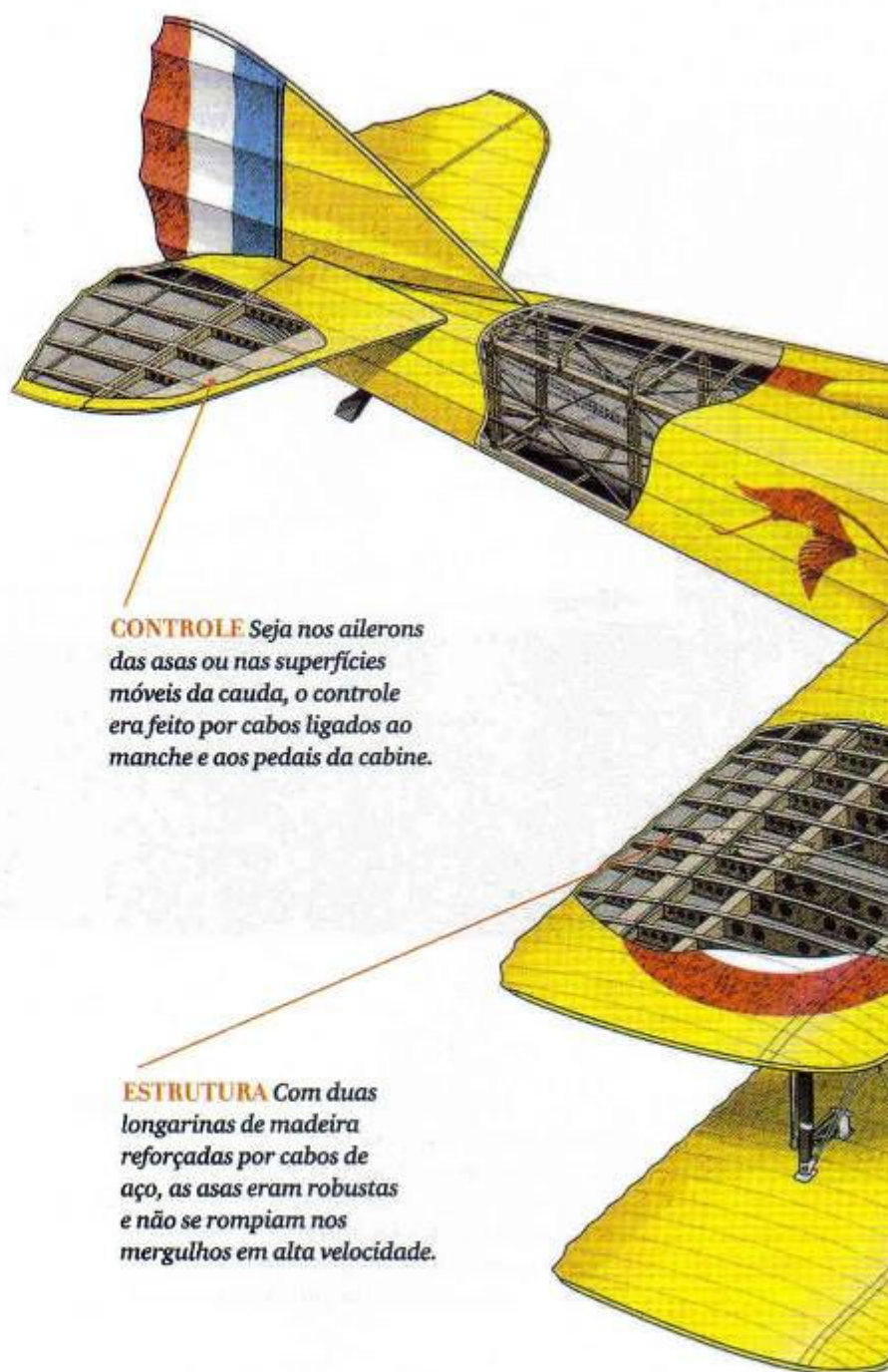
4 canhões de 102 mm e 4 tubos de torpedos de 533 mm.

Os navios desta classe entraram em serviço em 1917. Seu design inovador, com canhões sobrepostos, tornou-se o padrão para os contratorpedeiros das décadas seguintes.



COMBATE NO AR

Apenas 8 anos depois do voo de Santos Dumont com seu 14 Bis, o avião já era usado como arma. Caças, bombardeiros, reconhecedores e dirigíveis desempenharam um papel importante na 1ª Guerra – mapeando posições inimigas, lançando ataques sobre as trincheiras e bombardeando cidades.



CONTROLE Seja nos ailerons das asas ou nas superfícies móveis da cauda, o controle era feito por cabos ligados ao manche e aos pedais da cabine.

ESTRUTURA Com duas longarinas de madeira reforçadas por cabos de aço, as asas eram robustas e não se rompiam nos mergulhos em alta velocidade.

FOKKER D VII F

TIPO: caça.

PAÍS: Alemanha.

ARMAMENTO:

duas metralhadoras de 7,92 mm.

Considerado o melhor caça alemão da guerra, o D VII venceu uma concorrência com 30 protótipos antes de começar a ser fabricado, em 1918. Seu ponto forte: era fácil de pilotar, ajudando pilotos novatos a vencer adversários experientes.



RAF R.E. 8

TIPO: reconhecedor.

PAÍS: Grã-Bretanha.

ARMAMENTO:

duas metralhadoras de 7,7 mm.

A Royal Aircraft Factory (RAF) produziu bons aviões, mas também modelos medíocres – como este, um reconhecedor ao qual pilotos e observadores tentavam sobreviver. O R.E. 8 era difícil de manobrar e pousar e se incendiava facilmente.



POTÊNCIA O caça SPAD S.VII foi projetado para aproveitar ao máximo a potência do motor Hispano-Suiza de 180 HP, que garantia boa velocidade ao avião.

SPAD S.VII

TIPO: caça.

PAÍS: França.

ARMAMENTO: uma metralhadora de 7,7 mm.

METRALHADORA O ponto fraco deste avião francês era seu limitado poder de fogo. Ele levava apenas uma metralhadora, enquanto os caças alemães tinham duas.

TIRO AO ALVO A metralhadora atirava nos intervalos do giro da hélice graças a um mecanismo interruptor usado pela primeira vez nos caças Fokker E.I.

NA LONA As rodas eram cobertas de lona, assim como a fuselagem e as asas. Estruturas metálicas só começaram a ser usadas a partir da década de 1930.

HANDLEY PAGE O/400

TIPO: bombardeiro.

PAÍS: Grã-Bretanha.

ARMAMENTO:

3 a 5 metralhadoras de 7,7 mm e até 12 bombas de 51 kg.

Foi o primeiro bombardeiro britânico considerado eficaz em combate. Mas, apesar dos motores potentes, seu peso excessivo limitava a capacidade de transportar bombas.



LZ 62

TIPO: dirigível.

PAÍS: Alemanha.

ARMAMENTO:

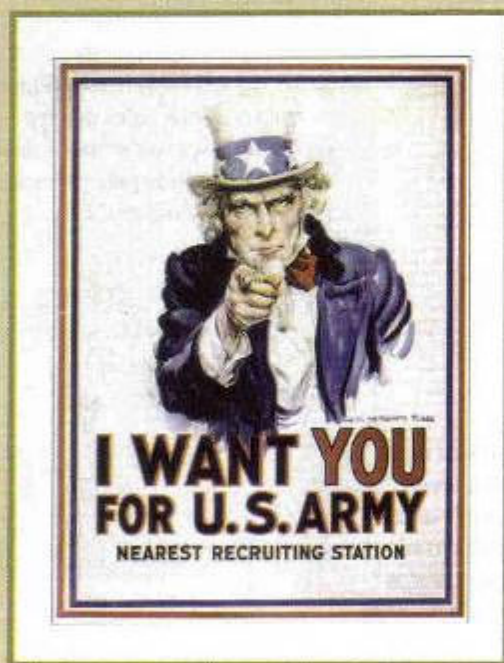
Até 10 metralhadoras de 7,92 mm e 7,6 toneladas de bombas.

Deu início a uma série de 16 superzeplins que formaram a base da ofensiva estratégica alemã. No total, cumpriu 10 missões de bombardeio pesado contra a Grã-Bretanha.



A ALMA DO NEGÓCIO

Durante a 1ª Guerra Mundial, campanhas publicitárias viraram armas tão poderosas e decisivas quanto metralhadoras, canhões, tanques e submarinos. **TEXTO GABRIEL MITANI**



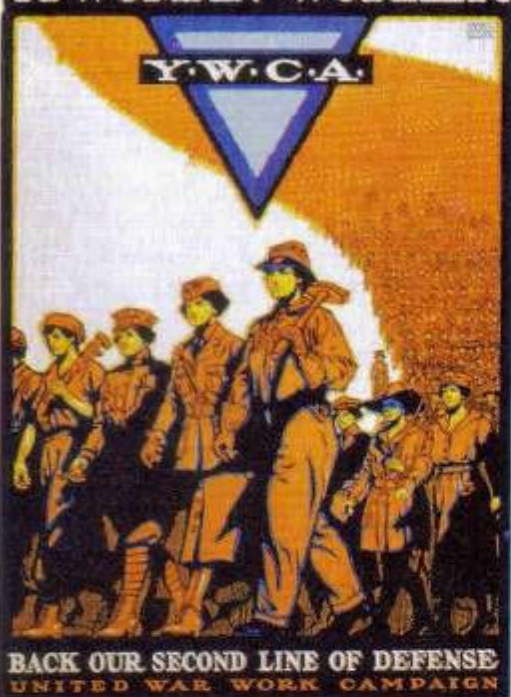
Tio Sam aponta o dedo e dispara: “Quero você no Exército dos EUA”. Esse pôster, um dos grandes ícones do século 20, foi criado em 1917, ano em que os americanos entraram na 1ª Guerra Mundial ao lado de franceses e britânicos. Bem antes dele, porém, outros tantos já circulavam na Europa e nas colônias da Grã-Bretanha espalhadas pelo mundo, convocando homens para o alistamento voluntário, mulheres para o trabalho nas fábricas ou no campo e a população inteira para a economia de gêneros alimentícios.

Natural que fosse assim. Nas frentes de batalha, milhares de soldados morriam a cada dia e era preciso substituí-los. Além do mais, vivia-se a chamada “guerra total”, em que os países envolvidos mobilizavam todos os seus recursos humanos e econômicos para sustentar o conflito (*leia mais na reportagem da pág. 10*). “Desde a Grécia antiga, o povo sempre foi persuadido a apoiar confrontos militares, mas nunca de uma maneira tão sofisticada e eficaz como na 1ª Guerra Mundial”, diz Aaron Delwiche, professor de comunicação estratégica da Universidade de Trinity, nos EUA. Pela primeira vez na história, a propaganda

tornou-se uma arma tão importante e decisiva quanto metralhadoras, canhões, tanques e submarinos.

Embora o conflito estivesse concentrado na Europa, na África e no Oriente Médio, foi nos EUA que a propaganda ganhou mais força. Uma semana depois da entrada do país na guerra, uma verdadeira tropa de elite foi convocada para prestar serviços ao Comitê sobre Informações Públicas – cujo setor de publicidade reunia os melhores roteiristas, cartunistas, ilustradores, comunicadores e psicólogos americanos. “A campanha publicitária foi um dos pilares fundamentais para convencer homens e mulheres, ricos ou pobres, a se entregarem de corpo e alma à batalha, fosse guerreando ou racionando alimentos”, diz o coronel da reserva Geraldo Cavagnari, pesquisador do Núcleo de Estudos Estratégicos da Universidade de Campinas (Unicamp). Em valores atualizados, os EUA investiram entre 1917 e 1918 cerca de US\$ 4 bilhões nesse comitê – um valor astronômico até para os dias de hoje. **CB**

FOR EVERY FIGHTER A WOMAN WORKER



"Para cada soldado, uma mulher trabalhadora",
conclama o cartaz americano: esforço de guerra.

CRIANÇAS NO FRONT

Garoto de apenas 16 anos virou herói
de guerra na Batalha da Jutlândia.

O envio de menores de 18 anos para as frentes de batalha foi uma das mais vergonhosas características da 1ª Guerra Mundial. Incentivados pela propaganda de seus respectivos governos, crianças e jovens mentiam sobre a idade na hora de se alistar como voluntários. E as autoridades responsáveis pelo recrutamento, ansiosas para repor as baixas ocorridas no front, deixavam-se "enganar". Estima-se que, apenas no Exército britânico, cerca de 250 mil jovens abaixo da idade mínima para o serviço militar tenham sido mandados para a guerra. O caso mais famoso foi o de John Travers Cornwell, incorporado à Marinha britânica em 1915, quando tinha apenas 16 anos. O garoto lutou na Batalha da Jutlândia. Era canhoneiro do navio HMS Chester, cuja tripulação foi dizimada pelos alemães. Apesar do fogo cerrado, Cornwell permaneceu em seu posto e chegou a ser resgatado com vida, apesar de ter o corpo crivado de balas e estilhaços. Dois dias depois, morreu num hospital da Inglaterra. Sua história, relatada pelo comandante do Chester, comoveu o rei Jorge 5º, que lhe concedeu *in memoriam* a Cruz da Vitória, mais alta condecoração militar britânica.

MULHERES EM ARMAS

Batalhões femininos motivaram soldados
a continuar lutando na frente oriental.

A propaganda de guerra não convenceu as mulheres apenas a ocupar o lugar de seus respectivos maridos nas fábricas ou no campo. Muitas delas acabaram indo parar nas frentes de batalha. Os exemplos mais emblemáticos desse voluntarismo foram os batalhões femininos formados na Rússia em 1917, depois da revolução que derrubou o czar Nicolau 2º e instaurou um governo provisório em seu lugar. A função dos batalhões, além de matar os inimigos alemães, austro-húngaros e otomanos, era reduzir o número de desertores, inspirando os soldados russos a continuar lutando. A primeira dessas unidades femininas, conhecidas como Batalhões da Morte, foi criada em Petrogrado (atual São Petersburgo) e contava com aproximadamente 300 voluntárias lideradas por Maria Bochkareva, uma camponesa que integrava o Exército russo desde o início da 1ª Guerra Mundial. Pelo menos outros 4 batalhões como esse foram criados nos meses seguintes. Até o final do conflito, a Rússia enviaria para as trincheiras do front oriental cerca de 2 mil mulheres.



Tio Sam, travestido de agricultor, convoca
donas-de-casa para a economia de alimentos.

HOMENS AO MAR

Depois que os alemães afundaram 4 navios
mercantes brasileiros, saímos pelo Atlântico
caçando submarinos. Mas perdemos
a guerra para o vírus da gripe espanhola.

TEXTO GABRIEL MITANI

O calendário pulava de 1916 para 1917, e a 1ª Guerra Mundial já tinha se transformado numa carnificina sem igual. Mas o Brasil seguia assistindo à tragédia de camarote, relativamente confortável na posição de país neutro, distante das principais frentes de batalha. Não demoraria, porém, até que o governo brasileiro fosse arrastado para o conflito.

A séria crise diplomática não inibiu novas investidas de U-boats contra embarcações brasileiras. No mês seguinte, as vítimas foram os cargueiros Tijuca e Lapa. Até que a maré virou de vez quando o vapor Macau foi torpedeado na costa da Espanha e seu comandante acabou sendo feito prisioneiro (leia mais na página ao lado). Três dias mais tarde, 26 de outubro de 1917, o presidente do Brasil, Wenceslau Braz, decidiu declarar guerra à Alemanha.

Torpedear navios mercantes com destino à Grã-Bretanha ou à França era o "passatempo" predileto dos submarinos alemães àquela altura do conflito. A Alemanha queria isolar seus inimigos do resto do mundo, privando-os das linhas de abastecimento que cruzavam o Atlântico. Comida, combustíveis, matérias-primas, medicamentos, armas... Tudo isso seguia das Américas para a Europa em cargueiros inofensivos, tripulados por civis que nada tinham a ver com a guerra.

Em abril daquele ano, um submarino alemão torpedeou o navio mercante Paraná, quando ele começava a se aproximar do porto francês de Le Havre carregado com sacas de café. Três tripulantes morreram. E o Brasil rompeu relações com a Alemanha.

Por aqui, os ataques a navios de bandeira brasileira foram vistos como agressões gratuitas e covardes. A opinião pública rapidamente passou a defender a entrada do país na 1ª Guerra Mundial como uma questão de honra.

Mas, por trás dessa irresistível onda patriótica, escondiam-se interesses políticos e econômicos.

Naquele mesmo ano de 1917, os EUA também haviam abandonado sua posição de neutralidade, embarcando na guerra ao lado de franceses e britânicos. E o Brasil, que dependia da exportação de café e da importação de manufaturas, tinha o maior interesse em estreitar relações comerciais com os americanos. "Era muito grande a pressão exercida pela elite, representada por cafeicultores, grandes comerciantes e pela imprensa", diz Vagner Camilo, professor de ciências políticas da Universidade Federal Fluminense (UFF). "Todos queriam se alinhar à política dos EUA, que prometiam se transformar no maior

TIRO AO ALVO

Cinco cargueiros de bandeira brasileira foram levados a pique em 1917.

PARANÁ

ATAQUE: 3 de abril de 1917.

ONDE: canal da Mancha, a proximadamente 10 milhas da cidade de Barfleur, na França.

AGRESSOR: submarino alemão não identificado.

TIJUCA

ATAQUE: 20 de maio de 1917.

ONDE: oceano Atlântico, a 5 milhas de Brest, França.

AGRESSOR: submarino alemão não identificado.

LAPA

ATAQUE: 22 de maio de 1917.

ONDE: oceano Atlântico, a aproximadamente 140 milhas da cidade de Trafalgar, na Espanha.

AGRESSOR: submarino alemão não identificado.

MACAU

ATAQUE: 23 de outubro de 1917.

ONDE: oceano Atlântico, a aproximadamente 200 milhas de cabo Finisterra, na Espanha.

AGRESSOR: submarino alemão U-93.

GUAHYBA

ATAQUE: 4 de novembro de 1917.

ONDE: na saída do Porto de São Vicente, arquipélago de Cabo Verde.

AGRESSOR: submarino alemão U-151.



mercado consumidor do mundo." Declarar guerra à Alemanha até que foi fácil, uma simples canetada. Difícil era encarar o inimigo de igual para igual. "O Brasil não tinha condições econômicas e militares para se envolver intensamente no conflito", afirma Salvador Raz-za, professor de assuntos de segurança nacional da National Defense University, em Washington, nos EUA.

Além do envio de uma missão médica e de um contingente de oficiais aviadores para a Europa, foi criada a Divisão Naval em Operações de Guerra (DNOG), uma esquadra composta de 3 cruzadores, 3 contratorpedeiros, 1 navio auxiliar e 1 rebocador. Sua missão:

patrulhar o Atlântico. No dia 1º de agosto de 1918, a força-tarefa partiu de Fernando de Noronha com destino a Gibraltar, na Espanha. No caminho, varreria o oceano em busca de submarinos inimigos. Mas tudo deu errado para os marinheiros brasileiros. Numa escala para reabastecimento em Dacar, então capital da África Ocidental Francesa, boa parte dos 2 mil homens já estava fora de combate – não por causa de um ataque alemão, mas devido a um surto de gripe espanhola que matou 464 tripulantes.

O mais perto que a força-tarefa chegou de um U-boat foi na noite de 25 para 26 de agosto, pouco antes da chegada a Dacar. Torpedos inimigos passaram bem no meio da esquadra brasileira, sem atingir nenhuma das embarcações. Bombas de profundidade foram imediatamente lançadas contra o submarino agressor, avistado enquanto ainda tentava submergir. Sua destruição, no entanto, jamais foi confirmada. Em 10 de novembro de 1918, a DNOG finalmente aportou em Gibraltar – um dia antes da assinatura do armistício que pôs fim à 1ª Guerra Mundial.

REVOLUÇÃO RUSSA

Lênin comanda uma manifestação em Moscou: fundador da poderosa URSS.

OUTUBRO VERMELHO

Não fosse a 1ª Guerra, o levante comunista de 1917 na Rússia jamais teria acontecido.

TEXTO BIANCA NUNES

Quando você ouvir um historiador dizendo que o século 20 só começou de verdade com a 1ª Guerra Mundial, pode ter certeza: ele está se referindo, principalmente, à Revolução Russa de 1917. O golpe de Estado liderado por Lênin em outubro daquele ano daria origem ao primeiro país socialista da história: a União Soviética. E mudaria completamente a configuração das relações internacionais nas décadas seguintes, com capitalistas de um lado e comunistas do outro. Dali em diante, o mundo nunca mais seria o mesmo. E tudo isso só aconteceu por causa da Grande Guerra.

Às vésperas da revolução, a Rússia era o retrato do caos. O império comandado pelo czar Nicolau 2º vinha sofrendo derrotas esmagadoras no front oriental. Enquanto milhões de soldados morriam, o custo financeiro da guerra não parava de aumentar. Por outro lado, o fantasma da fome tornava-se cada vez mais real, já que os camponeses tinham sido obrigados a trocar a enxada pelo fuzil. Nas cidades, faltava emprego, e a inflação corroía os baixos salários daqueles que tinham uma ocupação. Resultado: uma crescente insatisfação com as classes dominantes, que viviam cercadas de luxo. “Tempos de guerra são extremamente propícios a revoluções”, diz Richard F. Hamilton, professor da Universidade de Ohio, nos EUA, e autor do livro *The Origins of World War I* (“As Origens da 1ª Guerra Mundial”, sem tradução para o português). “Foi exatamente o que aconteceu com a Rússia em 1917.”

Rolo compressor

Quando convenceram Nicolau 2º a entrar na guerra ao lado de França e Grã-Bretanha, em 1914, os generais russos, assim como franceses, britânicos e alemães, apostavam numa campanha militar fácil e rápida. Para o czar, aquela seria uma oportunidade de ouro: a vitória despertaria no povo um fervoroso sentimento nacionalista, unindo-o em torno do czarismo e da defesa da pátria. Mas o tiro saiu pela culatra. Embora seu gigantesco exército fosse conhecido como “rolo compressor”, ele não estava à altura das tropas bem treinadas e equipadas da Alemanha. No segundo ano do conflito, em 1915, o número de soldados russos mortos em combate já chegava a 2 milhões. “Enquanto as potências européias conseguiam se adaptar [às características do conflito] e improvisar, o sistema czarista mostrava-se autoritário e ineficiente diante das circunstâncias não antevistas”, escreve o historiador Orlando Figes no livro *A Tragédia de um Povo* (Record, 1999).

Em fevereiro de 1917, uma passeata feminina em comemoração ao Dia Internacional da Mulher acabou

se transformando em greve geral, abraçada por mais de 150 mil trabalhadores. Nos dias seguintes, os grevistas foram duramente reprimidos pelas forças do czar. Àquela altura, as uniões operárias – chamadas soviets – já constituíam um verdadeiro governo paralelo, detendo o monopólio virtual dos meios de promover a violência de maneira organizada. Em meio à revolta generalizada, Nicolau 2º viu-se obrigado a abdicar. E o poder passou às mãos de um governo provisório, formado por liberais e socialistas moderados.

“Esse novo regime, comandado primeiro pelo príncipe Lvov e depois por Alexander Kerensky, não conseguiu estabelecer a autoridade e frustrou a expectativa da maioria das uniões operárias, que queriam a Rússia fora da 1ª Guerra Mundial”, explica o historiador Nicholas Martin, da Universidade de Birmingham, na Inglaterra. “Enquanto isso, os bolcheviques ganhavam cada vez mais força e o apoio dos soviets frustrados.” No dia 25 de outubro, os revolucionários liderados por Lênin depuseram o governo provisório e tomaram o poder. Era a vitória comunista.

O preço da paz

Sob o domínio bolchevique, a Rússia começou a organizar sua saída da guerra. Propor o armistício foi fácil. Mas assinar a paz com os alemães deu trabalho ao novo governo. A Alemanha queria indenizações e anexações rejeitadas por muitos comunistas. Os revolucionários tentaram ganhar tempo e postergar as negociações, mas o exército inimigo avançava e chegou a ficar próximo de Petrogrado (atual São Petersburgo), ameaçando a tão celebrada vitória da revolução.

“A burguesia tem de ser estrangulada e, para isso, precisamos de ambas as mãos livres”, disse Lênin ao aceitar o tratado de Brest-Litovsk, firmado em 3 de março de 1918. Ao assinar aquele documento, a Rússia reconhecia sua derrota na guerra e oficializava a paz com a Alemanha, a Áustria-Hungria, a Bulgária e o Império Otomano. Mas também abria mão do controle sobre a Finlândia, os países bálticos (Estônia, Letônia e Lituânia), a Polônia, a Bielo-Rússia e a Ucrânia. Nesses territórios estavam concentrados um terço da população da Rússia, metade de sua incipiente indústria e quase todas suas minas de carvão. Ou seja: o preço a ser pago pela saída do conflito era alto. Mas Lênin acreditava que aquele era o único caminho para consolidar a revolução. E ele estava certo. Em 1922, sobre os escombros do extinto Império Russo, seria fundada a União Soviética – pronta para assumir um dos papéis mais importantes na balança de poder do século 20. 🌐

SEMENTES DO MAL

Tratado de paz imposto pelos Aliados mergulhou a Alemanha no caos, abriu as portas para o nazismo e levou ao poder o homem que iniciaria a 2ª Guerra Mundial: Adolf Hitler.

TEXTO EDUARDO SZKLARZ

A Alemanha entrou na 1ª Guerra Mundial apostando numa campanha rápida e arrasadora. Logo de cara, seus soldados ganharam fama de imbatíveis ao conquistar a Galícia (atual Polônia) e aniquilar tropas russas na frente oriental. Mas o conflito endureceu e estendeu-se por anos. Mesmo assim, o povo alemão nunca deixou de acreditar na vitória. E ficou ainda mais otimista no início de 1918, quando os bolcheviques tiraram a Rússia da guerra para consolidar sua revolução comunista. Dali em diante, o Exército germânico concentraria suas forças contra França e Inglaterra. “O pior já passou”, garantiu o imperador Guilherme 2º num pronunciamento à nação. O triunfo parecia estar logo ali, na esquina.

Só que as linhas inimigas no front ocidental, reforçadas com a chegada de batalhões americanos desde julho de 1917, resistiram a mais essa ofensiva alemã. O Exército do cáiser sofreu sucessivas derrotas e seus soldados começaram a desertar. Exausta depois de lutar praticamente sozinha durante 4 anos, agora a Alemanha não podia contar com os demais integrantes de sua aliança. A Bulgária já tinha jogado a toalha, o Império Austro-Húngaro não existia mais e o Império Otomano entrava em colapso.

Ao perceber a derrota iminente, os generais Paul von Hindenburg e Erich Ludendorff, chefes supremos da máquina de guerra alemã, sugeriram a Guilherme que pedisse o armistício. Foi exatamente o que ele fez no dia 11 de novembro de 1918, pondo fim ao conflito. Mas os problemas, em vez de terminarem, só estavam começando: seguiu-se um período conturbado, de profunda inquietação para os alemães. E, apenas 15 anos mais tarde, o mundo assistiria – atônito – à ascensão de Adolf Hitler.



Baby Hitler em 1889: anos mais tarde, esta criança se transformaria no abominável líder nazista que deflagraria a 2ª Guerra Mundial.

Armistício

Por que o fim da guerra preparou terreno para o nazismo e para um novo confronto em escala mundial? A resposta, para muitos especialistas, está na maneira ambígua como o conflito foi encerrado. "A Alemanha pediu o armistício com seu território praticamente intacto, quando o Exército ainda estava no exterior", diz o historiador argentino Andrés Reggiani, da Universidade Torcuato Di Tella, em Buenos Aires. "Ao voltar para casa, os soldados alemães foram recebidos como vencedores."

O imperador Guilherme 2º esperava que os Aliados levassem isso em conta na hora de elaborar o acordo de paz. Ele acreditava que as condições impostas à Alemanha seriam benévolas, tal como havia proposto o presidente americano Woodrow Wilson em sua famosa lista de "14 Pontos". Ao receber o pedido de armistício, porém, Wilson avisou que só negociaria a paz com os representantes legítimos do povo alemão – ou seja: a elite imperial teria de sair de cena. "Agindo dessa forma, o presidente americano produziu uma crise política dentro da Alemanha, que precipitou a queda do império e anunciou a república", afirma Reggiani.

Ludendorff e os dirigentes alemães aceitaram democratizar o país, esperando que esse gesto levasse a uma boa negociação. Guardavam um plano na manga: se as condições de paz não fossem aceitáveis, eles poderiam culpar os políticos democráticos pelo desastre. O governo passou, então, para as mãos do príncipe liberal Max de Baden.

Ante a crescente convulsão interna, Baden cedeu o poder ao social-democrata Friedrich Ebert, que firmou o armistício e decretou oficialmente o fim da guerra. Mas não demorou para que o país mergulhasse no caos. Comunistas, social-democratas e conservadores lutavam entre si, numa série de distúrbios que ficou conhecida como a Revolução Alemã. Em plena guerra civil, o plano de Ludendorff começou a vingar. "Tomando como modelo a obra *O Crepúsculo dos Deuses*, do compositor Richard Wagner, muitos alemães começaram a acreditar que o Exército perdera a guerra porque tinha sido apunhalado pelas costas – como o herói wagneriano Siegfried", diz o historiador britânico Richard J. Evans.

Em 1919, o Partido Social-Democrata conseguiu formar a base para um novo governo democrático: a República de Weimar. Chegava ao fim o 2º Reich (ou 2º Império), inaugurado pelo chanceler Otto von Bismarck em 1871. Àquela altura, poucos imaginavam que esse fato traria enormes consequências não só para a Alemanha mas para o mundo todo.

Acordo de paz

Quanto cobrar dos alemães pelos prejuízos da 1ª Guerra Mundial? Essa era a questão que dividia os líderes aliados no início de 1919. O presidente americano, Woodrow Wilson, dizia que a Alemanha deveria pagar apenas pelos danos aos civis. Já o premiê francês, Georges Clemenceau, e seu colega britânico, David Lloyd George, queriam que os alemães pagassem a maior soma possível, assumindo todos os custos do conflito.

A posição anglo-francesa acabou prevalecendo no texto do Tratado de Versalhes, assinado em junho de 1919. "Com o acordo, a Alemanha perdeu aproximadamente 13% de seu território e 10% da população", diz a historiadora Ruth Henig, da Universidade de Lancaster, na Inglaterra. "O país também abriu mão de suas colônias, de 75% das reservas de ferro e de 26% das minas de carvão." Além disso, os alemães tiveram de destruir cerca de 15 mil aviões, 6 milhões de fuzis e 130 mil metralhadoras. Sua Força Aérea foi abolida. O Estado-Maior, dissolvido. E o Exército, reduzido a 100 mil homens. O Porto de Danzig, com quase meio milhão de alemães, passou para o controle da recém-criada Liga das Nações – precursora da Organização das Nações Unidas (ONU).

AULAS PRÁTICAS

Líderes da 2ª Guerra Mundial já davam seus tirinhos no conflito anterior.

ADOLF HITLER

1ª GUERRA – Não quis saber de lutar por sua terra natal, a Áustria. Mas, quando a Alemanha entrou na guerra, alistou-se como voluntário no 1º Regimento de Infantaria Bávara, em Munique, onde morava. Em meio à desordem e ao entusiasmo geral, ninguém questionou sua nacionalidade. Combateu na França e na Bélgica e foi condecorado por bravura.

2ª GUERRA – Alçado ao posto de führer ("líder") do 3º Reich, deu início ao conflito quando invadiu a Polônia, em 1939. Tentou expandir o território alemão enquanto aniquilava 6 milhões de judeus, além de ciganos, homossexuais e outras minorias. Prevendo a derrota, suicidou-se em abril de 1945 com uma cápsula de cianureto e um tiro na cabeça.



GEORGE PATTON

1ª GUERRA – Americano, comandou o Corpo de Tanques dos EUA ao lado de batalhões britânicos e destacou-se na Batalha de Cambrai, em 1917. Utilizando pombos-correio e uma equipe de soldados corredores, ele avançava na linha de frente mantendo comunicação com a retaguarda. Sempre ficava exposto à artilharia inimiga e acabou ferido por uma bala na perna.

2ª GUERRA – Consagrou-se como o general mais importante do Exército americano. Depois de liderar operações no norte da África, comandou brigadas na Sicília e na França e botou os nazistas para correr na Bélgica, Alemanha, Áustria e Tchecoslováquia. Morreu num acidente de carro na Europa, em 1945, apenas um dia antes de retornar como herói para os EUA.



WINSTON CHURCHILL

1ª GUERRA – No cargo de primeiro lorde do Almirantado britânico (ministro da Marinha), planejou a conquista da península turca de Gallipoli usando combatentes australianos e neozelandeses. Milhares deles morreram na desastrosa operação. Em 1921, já como secretário para as colônias, ajudou a criar o Iraque, a Jordânia e a Palestina nas terras do extinto Império Otomano.

2ª GUERRA – Churchill tornou-se primeiro-ministro em 1940 e desempenhou um papel fundamental na condução da Grã-Bretanha durante o conflito. Sua estreita relação com o presidente americano da época, Franklin D. Roosevelt, garantiu o apoio necessário para a vitória dos Aliados sobre Hitler. Suas memórias sobre a guerra lhe valeram o Nobel de Literatura.



BERNARD MONTGOMERY

1ª GUERRA – Integrou um regimento de infantaria britânico na França. Quando estava perto da fronteira belga, levou um tiro no pulmão direito, que o deixou à beira da morte. Recuperado, Montgomery voltou ao front ocidental em 1916 e lutou na Batalha do Somme, uma das mais sangrentas da história, com aproximadamente 1,2 milhão de mortos, feridos ou desaparecidos.

2ª GUERRA – Indicado pelo então primeiro-ministro, Winston Churchill, para comandar o 8º Exército britânico no norte da África, liderou os soldados na Batalha de El Alamein, em 1942. Foi a primeira vitória contundente dos Aliados na guerra, acabando com os planos do Eixo naquela região. Também liderou operações de desembarque na Itália e na França.



"Mesmo assim, Versalhes era moderado em comparação com os duríssimos tratados de paz que a Alemanha havia imposto à Rússia e à Romênia em 1918", diz Ruth. "Boa parte do território perdido, a Alsácia-Lorena, apenas retornou à França. Com 66 milhões de habitantes, a Alemanha ainda era a principal economia da Europa. O tratado a deixou numa posição dominante: estava ferida, mas não gravemente."

Nacionalismo radical

O que mais feriu o orgulho alemão foram as cláusulas de reparação do Tratado de Versalhes. O artigo 231 dizia que alemães, austro-húngaros e otomanos eram responsáveis por "causar todos os danos e perdas" sofridos pelos vencedores como consequência da guerra imposta a eles pela "agressão da Alemanha e seus aliados". Nos países derrotados ao final da guerra, essas palavras foram entendidas como humilhação.

"A diplomacia alemã interpretou subjetivamente esse conceito de responsabilidade, encarando-o como uma acusação moral contra a Alemanha por ter desatado a guerra", afirma o historiador Andrés Reggiani. "Essa incapacidade psicológica para aceitar a derrota, somada às reparações, criou o terreno fértil para o crescimento de um nacionalismo radical, do qual o nazismo seria a expressão mais extrema."

Segundo Reggiani, a função do artigo 231 era deixar claro que a Alemanha havia perdido a guerra – dado aquele final ambíguo – e que devia pagar pelos danos. Logo a seguir, o artigo 232 reconhecia a limitação financeira alemã e estabelecia uma forma para que o país pudesse pagar. Exemplo: os navios alemães afundados durante o conflito seriam deduzidos da conta, assim como toda propriedade alemã destruída no exterior. O problema é que ninguém deu importância a esse artigo.

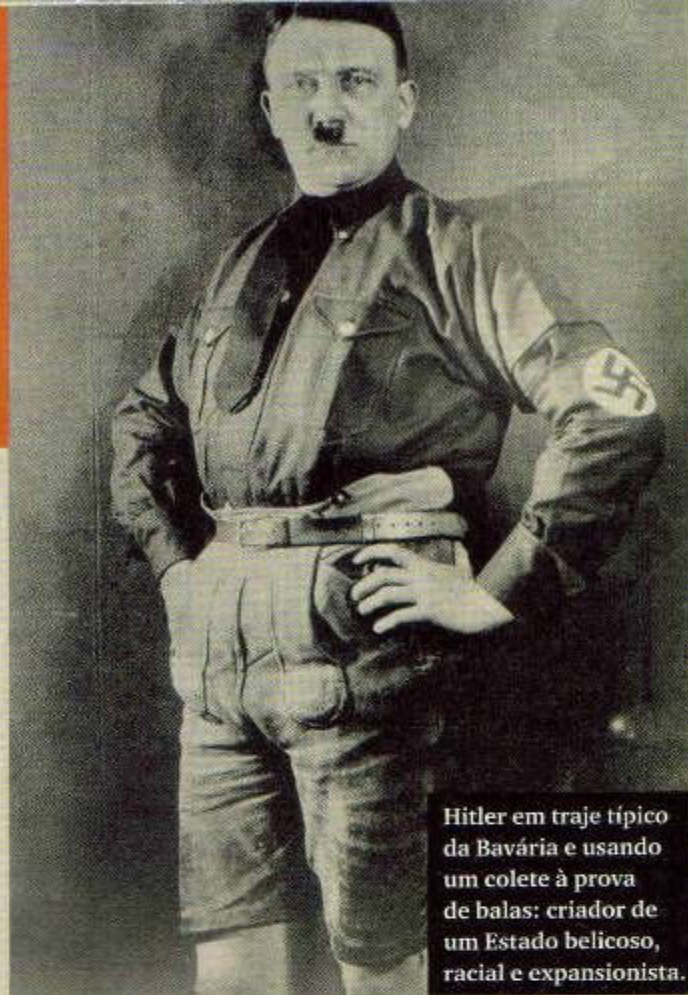
Assim, as reparações saíram rapidamente de seu marco técnico para se transformar numa espécie de bumerangue político. "Um sentimento de indignação se propagou como uma onda de choque", diz o historiador Richard J. Evans. "O entusiasmo que tantos cidadãos alemães haviam demonstrado pela guerra em 1914 se tornou um ardoroso ressentimento pelas condições da paz. Sem o conflito, o nazismo não teria surgido como uma força política importante nem tantos alemães teriam buscado tão desesperadamente uma alternativa autoritária."

Líder carismático

A República de Weimar foi alvo dos nacionalistas desde o início. Eles a culpavam pela derrota na guerra, por ser fruto de uma revolução de esquerda e por aceitar as condições do tratado de paz. Resumindo: ela era o símbolo da humilhação alemã. O Partido Social-Democrata bem que tentou sustentar o regime, mas sua coalizão era frágil demais. "Todas as outras forças, da extrema direita à extrema esquerda, e até as Igrejas Católica e Protestante, eram totalmente favoráveis a um Estado autoritário", afirma a historiadora alemã Marlis Steinert, do Instituto de Altos Estudos Internacionais de Genebra, na Suíça. "O único fator de unidade era o nacionalismo."

O valor total da dívida alemã foi revisado várias vezes nos anos seguintes, até chegar a 132 bilhões de marcos-ouro em 1921 – uma quantia impossível de ser paga. De fato, a Alemanha pagou apenas uma parte desse montante, algo entre 20 bilhões e 60 bilhões segundo os cálculos mais realistas. Independentemente de qual tenha sido a quantia, ela contribuiu para a hiperinflação que assolou o país nos anos 20.

"Foi nesse caldeirão de derrota, revolução, guerra civil e ressentimentos que o nazismo foi forjado", diz Evans. Valendo-se do anti-semitismo arraigado durante décadas na sociedade alemã, os nazistas utilizaram o mito do país sendo apunhalado pelas costas para decretar que o Reich fora traído



Hitler em traje típico da Bavária e usando um colete à prova de balas: criador de um Estado belicoso, racial e expansionista.

por uma conspiração judeu-bolchevique. Em seu raciocínio, a eliminação desses traidores purificaria o povo alemão e reergueria o império.

Argumentos como esses ganharam as massas ao ser difundidos por um líder carismático, com alto poder de oratória e que havia lutado na 1ª Guerra Mundial: Adolf Hitler (*leia mais na pág. 47*). Em 1928, os nazistas conseguiram 12 cadeiras (3% dos votos) no Reichstag, o Parlamento alemão. Em 1930, empurrados pela Grande Depressão desencadeada no ano anterior, com a quebra da Bolsa de Valores em Wall Street, eles conquistaram 107 cadeiras e 6,5 milhões de votos – tornando-se o 2º maior partido do país. Em julho de 1932, já eram a agremiação política mais popular da Alemanha, com 230 assentos e mais de 13 milhões de votos (37%).

Nazista no poder

No dia 30 de janeiro de 1933, Hitler foi nomeado chanceler e usou seu cargo para eliminar os oponentes. “Ele assumiu o comando do país com a clara estratégia de transformá-lo num Estado racial e expansionista”, diz a historiadora Ruth Henig. A estratégia começava pelo rearmamento e prosseguia com a realização de uma nova guerra, a criação de um espaço vital (*lebensraum*) na Europa Oriental e o extermínio dos judeus.

O arquiteto do nazismo já havia anunciado suas intenções em 1925 no livro *Mein Kampf* (“Minha Luta”), escrito na cadeia após uma tentativa frustrada de golpe. Agora voltava a mostrá-las ao mundo ao promover a retirada da Alemanha da Liga das Nações, o início da perseguição aos judeus e a conquista de territórios como a Renânia. Mas os líderes ocidentais fecharam os olhos. No livro *Vinte Anos de Crise* (Editora UnB, 2001), o historiador britânico Edward Carr mostra que o desejo de paz era tão grande após a 1ª Guerra Mundial que, em lugar de conter Adolf Hitler, eles procuraram apenas e tão somente apaziguá-lo. Deu no que deu. 🌐

ORIENTE MÉDIO

A INVENÇÃO DO IRAQUE

O país de Saddam Hussein foi criado pelos vencedores da 1ª Guerra Mundial, que desde aquela época já estavam de olho no petróleo da antiga Mesopotâmia.

TEXTO JOSÉ FRANCISCO BOTELHO

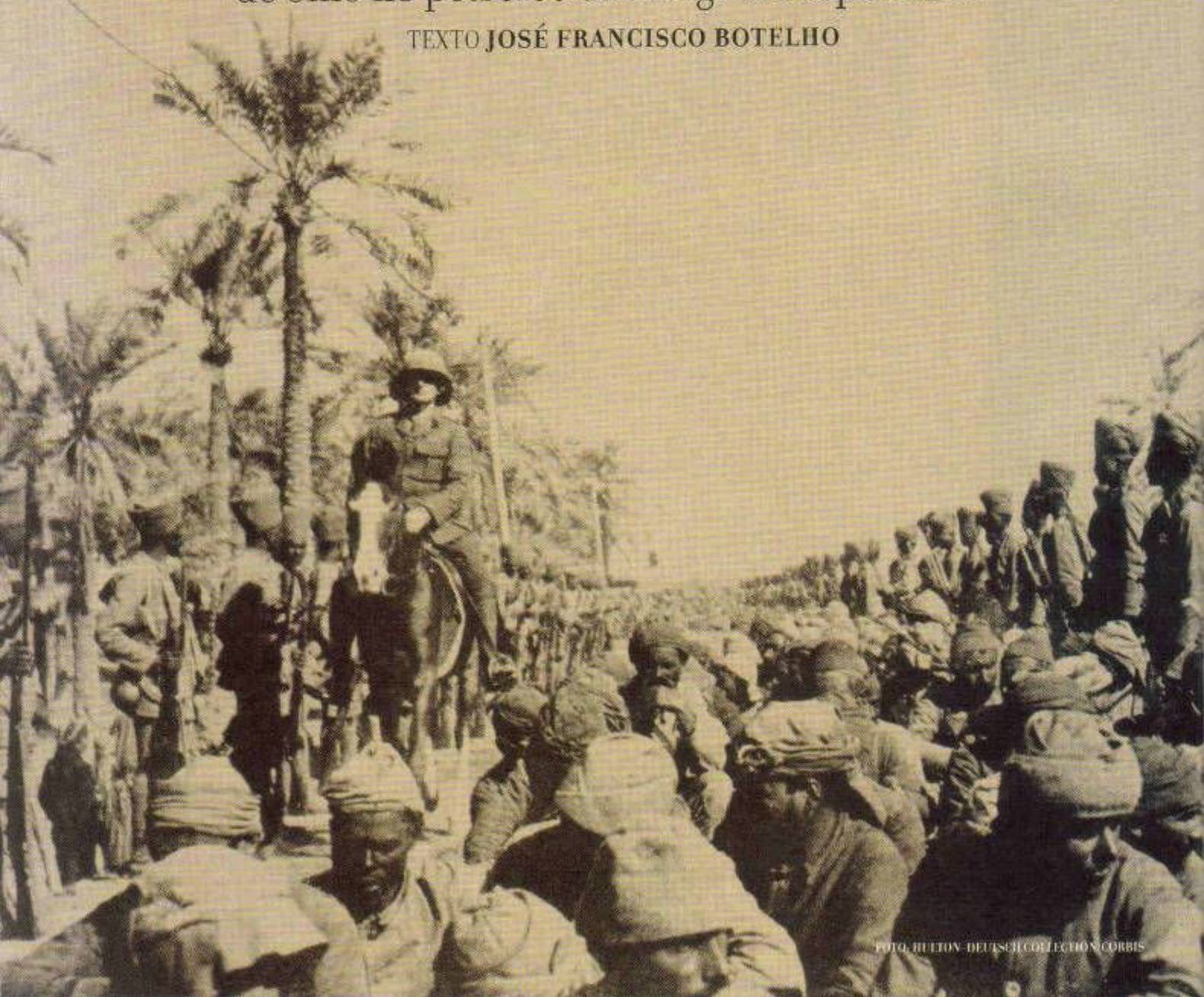
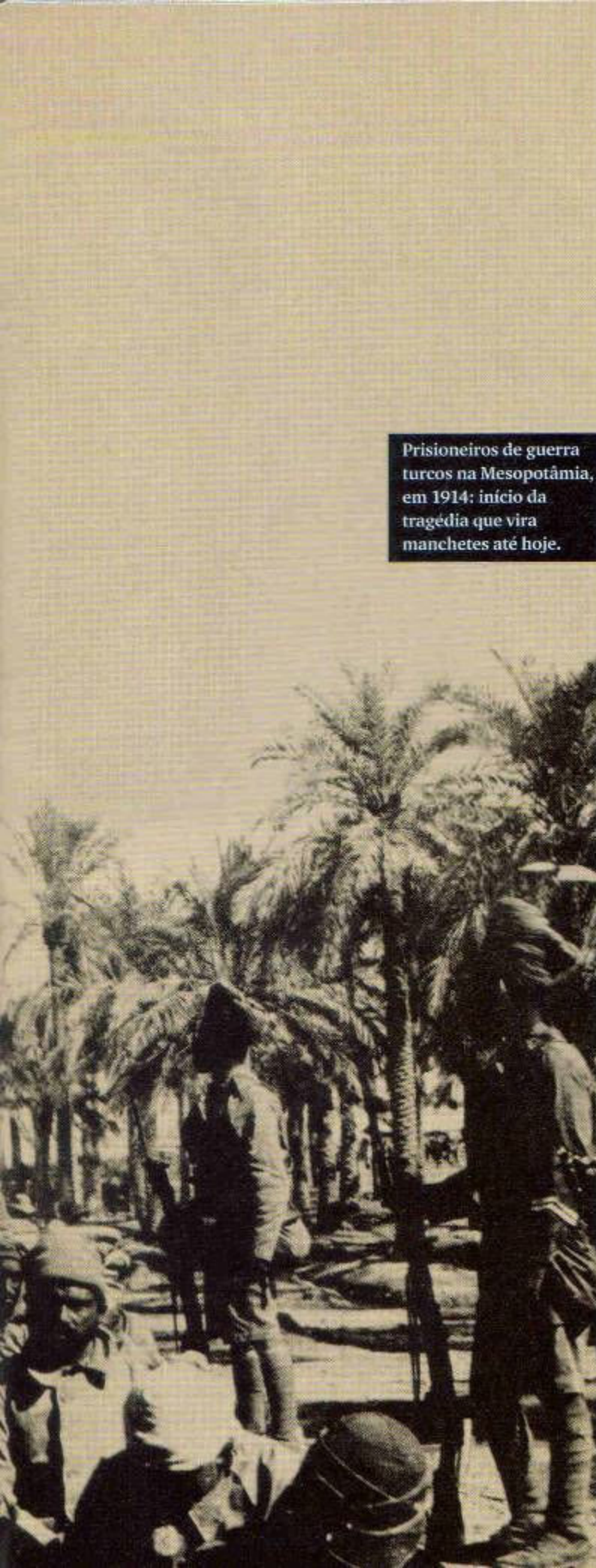


FOTO: HULTON-DEUTSCH/COLLECTION CORBIS



Prisioneiros de guerra
turcos na Mesopotâmia,
em 1914: início da
tragédia que vira
manchetes até hoje.

No dia 1º de dezembro de 1918, menos de um mês após o armistício que encerrou a barbárie da 1ª Guerra Mundial, dois importantes estadistas europeus se reuniram num gabinete em Londres para selar o destino do Oriente Médio. O diálogo que ali eles travaram, enquanto a Europa ainda contava seus mortos, feridos e desaparecidos, haveria de mudar o mundo – para pior.

— Bem, o que vamos discutir? – perguntou o homem mais velho, um francês de grandes bigodes.

— A Mesopotâmia – respondeu o estadista mais jovem, um inglês de suíças farfalhudas e bem cuidadas.

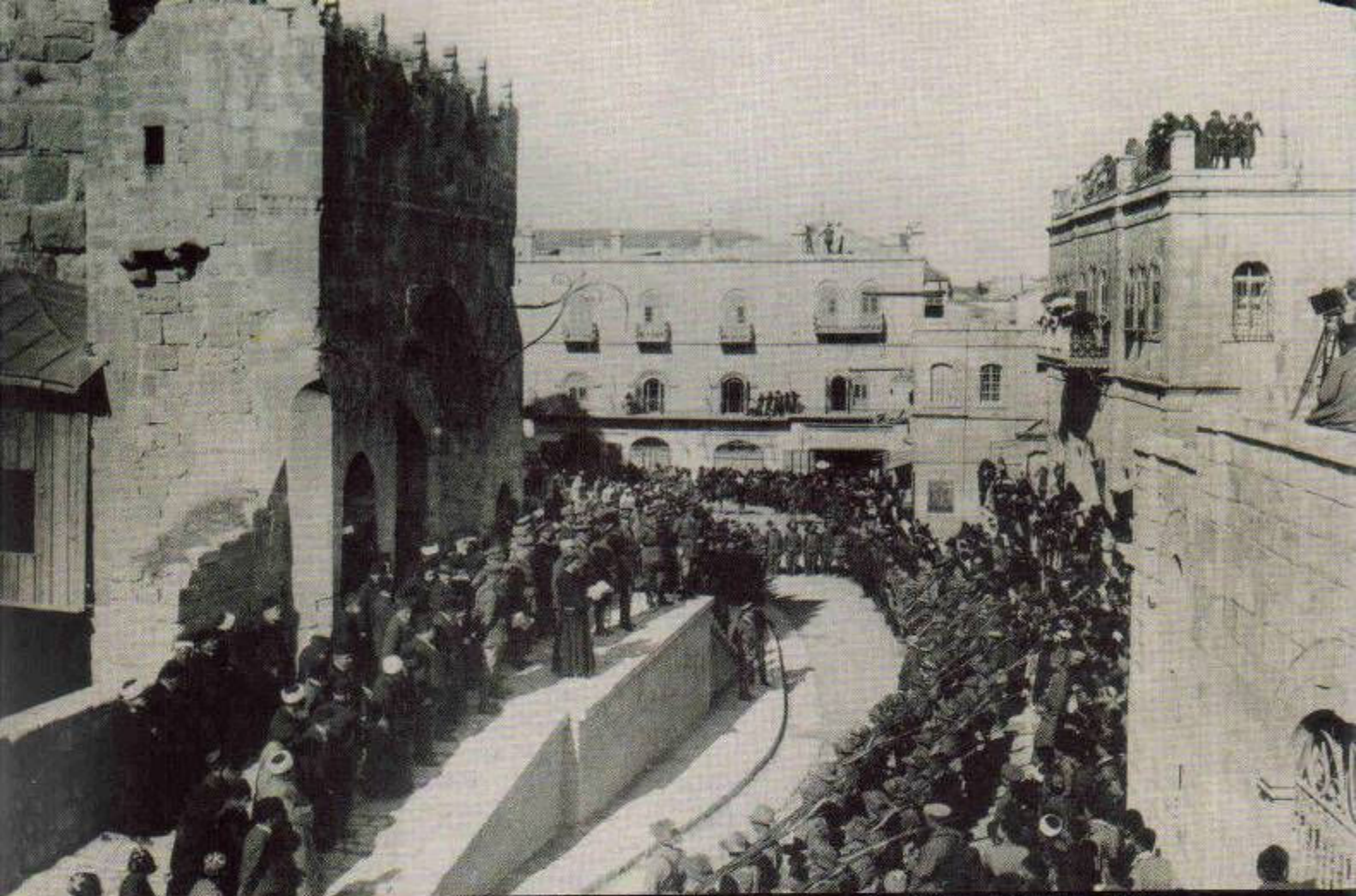
— Ah, você pode ficar com ela – disse o francês.

O mais velho era *monsieur* Georges Clemenceau, primeiro-ministro da França. O outro era seu colega britânico, sir David Lloyd George. E os territórios que eles dividiam 90 anos atrás, num confortável escritório londrino, tragicamente ainda ocupam as manchetes dos jornais. Muitos dos conflitos que transformaram o Oriente Médio na região turbulenta de hoje têm origem naquela conversa amigável e bem-humorada entre os dois maiores vencedores da 1ª Guerra Mundial.

Cruzada moderna

Antes da guerra, o Oriente Médio era dominado pelos sultões do gigantesco Império Turco-Otomano. O que os europeus chamavam de Mesopotâmia – e que hoje chamamos de Iraque – correspondia à região entre os rios Tigres e Eufrates, um dos berços da civilização ocidental. No início do século 20, o território estava dividido em 3 províncias, habitadas por árabes xiitas, árabes sunitas e curdos. As diferenças étnicas e religiosas entre esses grupos já provocavam sérias desavenças desde aqueles tempos. Mas pelo menos um sonho eles tinham em comum: expulsar os turcos dali.

O antes poderoso Estado otomano era agora um colosso de pernas bambas, sacudido por revoltas internas e dependente dos investimentos do riquíssimo Reich germânico. Aliás, foi puxado pelo cabresto financeiro que o reino dos sultões acabou ingressando na 1ª Guerra Mundial, ao lado da Alemanha, em 29 de outubro de 1914. Só então franceses e ingleses decidiram desferir o golpe de misericórdia no “homem enfermo do Oriente” – apelido que os diplomatas europeus deram ao combalido império em fins do século 19.



Tropas do general Edmund Allenby (no detalhe) tomam Jerusalém: 34º conquistador da cidade.

No front oriental, os ingleses buscaram uma aliança com os chefes guerreiros da Arábia, que havia décadas planejavam se libertar do domínio otomano e fundar um reino independente. Em julho de 1915, o cônsul britânico Henry McMahon prometeu autonomia às nações árabes em troca de ajuda contra o inimigo comum. E a barganha funcionou. Enquanto guerrilheiros árabes acossavam as tropas turcas nas areias do deserto, o Exército britânico avançou sobre as principais cidades da região.

Em março de 1917, a Grã-Bretanha tomou Bagdá – foi a primeira vez, mas não a última, que exércitos ocidentais ocuparam a capital das *Mil e Uma Noites*. Apunhalado em seu âmago, o Império Otomano viu ruir outro bastião simbólico: em dezembro daquele mesmo ano, o general inglês Edmund Allenby tornou-se o 34º conquistador a marchar triunfalmente pelas ruas de Jerusalém. Para muitos soldados britânicos, a conquista da cidade era uma espécie de cruzada moderna – só que, dessa vez, árabes e “cruzados” lutavam lado a lado.

Essa inusitada lua-de-mel durou pouco. Enquanto prometiam mundos e fundos aos chefes árabes, os ingleses planejavam espetar suas próprias bandeiras nas recém-liberadas províncias otomanas. Situado na con-



fluência de 3 continentes, o Oriente Médio sempre foi uma das áreas de maior valor estratégico do mundo. Mesmo antes da 1ª Guerra Mundial, os britânicos planejavam abocanhar a região e transformá-la num atalho para a Índia, a mais valiosa jóia colonial da Coroa britânica. Completando o pacote, havia o petróleo, que já começava a despertar apetites ocidentais. Desde 1914, agentes europeus vasculhavam os vilarejos da Mesopotâmia em busca de reservas petrolíferas. Ao final do

conflito, a Grã-Bretanha engoliu, sozinha, um território 13 vezes maior que o Reino Unido. E virou o Estado com maior número de súditos muçulmanos no planeta.

Estado artificial

Para ingleses e franceses, a conquista do Oriente Médio foi um grande negócio. Para os árabes, no entanto, a criação das novas colônias – ou mandatos, como preferiam os diplomatas da Europa – foi a “Grande Traição” do século 20. Tão logo perceberam que os antigos aliados tinham segundas intenções, os habitantes dos territórios que hoje formam a Síria e o Iraque voltaram a se rebelar – dessa vez, contra os europeus.

A reação foi brutal. Enquanto tropas francesas derubavam o rei da Síria, os britânicos usaram na Mesopotâmia uma tática testada e aprovada na 1ª Guerra Mundial: o terror aéreo. Em alguns meses, aviões ingleses despejaram mais de 97 toneladas de bombas, fogo líquido e gás venenoso sobre mulheres, crianças e guerrilheiros armados com espadas e carabinas. Aldeias inteiras desapareceram do mapa e até os rebanhos de gado foram dizimados a tiros de metralhadora. A guerra matou apenas 9 pilotos ingleses. Do outro lado, cerca de 9 mil árabes e curdos perderam a vida.

Ao baixar a poeira da rebelião, o futuro primeiro-ministro Winston Churchill, na época administrador das colônias britânicas, reuniu um grupo de diplomatas e geógrafos europeus na Conferência do Cairo, em 1921.

Sua tarefa era traçar, com régua e lápis, as fronteiras dos novos domínios. Nesse encontro, Churchill inventou dois países. Um deles foi o reino da Jordânia. O outro foi o Iraque, um Estado artificial que teria 60% de habitantes xiitas, 20% de sunitas e 20% de curdos.

Para cauterizar os brios nacionalistas, Churchill colocou os países recém-nascidos sob o cetro de reis fantoches – fracos, impopulares e absolutamente incapazes de governar sem a ajuda das tropas britânicas. “Na prática, o controle ocidental era completo”, escreve o historiador brasileiro Voltaire Schilling no livro *Ocidente x Islã* (L&PM, 2003). “Os lugares estratégicos do mundo árabe continuaram ocupados pela Grã-Bretanha. E toda a economia local, incluindo a extração de petróleo, foi espremeada para servir aos interesses de Londres.”

LAWRENCE DA ARÁBIA

Sem querer, ele acabou passando a perna nos árabes que eram seus aliados.



Poeta, arqueólogo, soldado e diplomata, o irlandês Thomas Edward Lawrence (foto) foi um dos personagens mais fascinantes e enigmáticos da 1ª Guerra Mundial. Sua participação no conflito começou em 1916, quando o Exército britânico o enviou para

a Arábia com a missão de auxiliar os chefes locais na luta contra o domínio otomano. Fez amizade com a família real dos Hachemitas, muçulmanos moderados que governavam Meca, e liderou guerrilheiros beduínos contra as forças de Istambul. As milícias de Lawrence armaram emboscadas nos desertos, dinamitaram ferrovias e cortaram a comunicação do Império Otomano com as províncias árabes. Sua vitória final foi a tomada de Damasco (hoje capital da Síria) em 1918. Durante os anos de luta, fez uma promessa: os 50 milhões de árabes do Oriente Médio ganhariam a independência assim que o sultão otomano caísse. Quando vieram à tona os acordos secretos entre Inglaterra e França, que planejavam dividir a região em novas colônias, ele percebeu que fora cúmplice involuntário de uma tramóia. “Lançamos nossos aliados ao fogo para podermos ficar com o petróleo da Mesopotâmia”, escreveu em seu diário quando a 1ª Guerra Mundial chegou ao fim. Lawrence morreu em 1935 – esquecido e atormentado pelo remorso.

TERRA (SANTA) EM TRANSE

O conflito entre judeus e palestinos tem origem na 1ª Guerra Mundial.



Enquanto o Iraque nascia das cinzas do Império Otomano, outro furacão se armava na esteira da 1ª Guerra Mundial: o conflito entre judeus e palestinos. Em 1917, o secretário do Exterior da Grã-Bretanha, Arthur Balfour (foto), declarou que seu governo

faria de tudo para facilitar a criação de “um lar nacional judaico na Palestina”. O documento, conhecido como Declaração Balfour, foi um passo fundamental na criação do Estado de Israel. Mas a dupla jogada dos ingleses – que na mesma época prometiam independência a todas as nações árabes, incluindo os palestinos – plantou o conflito que até hoje devasta a Terra Santa. Logo após a 1ª Guerra, árabes e judeus se reuniram em negociações que poderiam ter dado certo: em 1921, o rei sírio Faisal ibn Hussein convidou a Organização Sionista para discutir a criação de um Estado binacional, onde haveria lugar para todo os “irmãos semitas”. Mas, naquele mesmo ano, os franceses invadiram a Síria e os ingleses proibiram negociações diretas entre os povos colonizados. Sabotada, a proposta de Faisal nunca saiu do papel. Os palestinos seriam expulsos aos milhares em 1948, ano em que Israel declarou sua independência. E o sonho do convívio pacífico se transformaria num sangrento pesadelo.

SOB O MANTO DA GUERRA

Acusados de colaboração com o inimigo, armênios foram exterminados pelo Império Otomano – num dos maiores crimes já cometidos contra a humanidade.

TEXTO EDUARDO SZKLARZ

Cerca de 1,5 milhão de mortos. Esse não foi o resultado de uma das sangrentas batalhas travadas durante a 1ª Guerra Mundial, mas o saldo de um dos mais assombrosos delitos já cometidos contra a humanidade: o genocídio armênio. Muitos acreditam que a matança promovida pelo Império Otomano a partir de 1915 foi apenas um crime de guerra. Em parte, tem razão quem defende esse argumento. Afinal, o governo turco alegava que, durante o conflito, os armênios estavam traindo o império e se aliando à Rússia, uma inimiga declarada. Hoje, no entanto, especialistas afirmam que a real intenção das autoridades otomanas era simplesmente exterminar esse povo. A guerra serviu apenas para mascarar o extermínio.

“Se o problema era retirar os armênios de certos territórios para que não se aliassem aos russos, isso poderia ter sido feito. Mas, quando analisamos as rotas de deportação, vemos que o objetivo era eliminá-los”, diz a advogada Mariela Bondar, representante legal da comunidade armênia na Argentina. Mariela teve acesso aos arquivos diplomáticos de EUA, França, Espanha, Alemanha, Vaticano, Áustria, Inglaterra e Bélgica. Segundo a advogada, os documentos analisados provam que a Alemanha, aliada dos turcos na 1ª Guerra, não apenas deixou o genocídio acontecer mas também o incentivou. “Oficiais alemães estiveram presentes nas rotas de deportação, ao lado de altos oficiais do Império Otomano.”

O povo do livro

Durante séculos, os armênios foram tolerados pela maioria muçulmana em território otomano justamente por serem cristãos. Eram chamados de “o povo do livro”. Mas nunca deixaram de ser tratados como cidadãos de segunda classe. No século 19, a situação piorou sensivelmente. Com as derrotas sofridas pelo islã nos Bálcãs frente às potências ocidentais, ficou difícil manter a tolerância baseada na superioridade religiosa. As minorias não muçulmanas passaram a ser vistas como agentes das mudanças.

Mesmo assim, os armênios continuaram fiéis às autoridades. Diziam querer apenas autonomia, ou seja, poder exercer livremente sua cultura e sua religião ao mesmo tempo em que

continuavam sendo súditos do império. De nada adiantou. No final daquele século, o sultão Abdul Hamid 2º matou cerca de 300 mil armênios, sinalizando o que estava por vir.

Em meio à crise, a ideologia nacionalista do escritor Ziya Gokalp conquistou adeptos fervorosos no movimento político conhecido como Jovens Turcos, que buscava modernizar o país. No início, o partido armênio Dashnaktsutiun se aliou ao movimento, acreditando que, assim, as perseguições de Hamid cessariam. Mas o tiro saiu pela culatra. Em 1913, a facção mais radical dos Jovens Turcos derrubou o sultão e instaurou um regime que buscava acabar com a diversidade étnico-religiosa no império. No jargão dos extremistas, essa ideia era chamada de “panturquismo” e significava a exclusão de todas as minorias. Dito e feito: em 1915, teve início o extermínio. “Foi o primeiro entre os genocídios modernos ideologicamente motivados”, afirmam o historiador Frank Chalk e o sociólogo Kurt Jonassohn no livro *The History and Sociology of Genocide* (“A História e a Sociologia do Genocídio”, sem tradução para o português). O massacre só terminaria em 1923.

Assassinos impunes

Os métodos utilizados na matança eram variados. Muitos armênios morreram de fome, sede, doenças ou frio durante extensas caminhadas. Outros foram fuzilados, enforcados ou espancados até a morte. Aqueles considerados subversivos eram degolados e tinham a cabeça exposta em praça pública.

“As potências aliadas escreveram aos líderes otomanos dizendo que os Jovens Turcos seriam responsabilizados”, diz Mariela. “Nos rascunhos dessas cartas aparecia a expressão ‘crimes contra a cristandade’. Depois, o termo ‘cristandade’ acabou sendo substituído pela palavra ‘humanidade’.”

Em 1921, Kemal Atatürk – veterano da 1ª Guerra Mundial e fundador da República Turca – promoveu um julgamento em ausência contra os Jovens Turcos, sentenciando seus líderes à morte. Mas eles já haviam fugido. O genocídio armênio continua impune até hoje – e segue negado pela Turquia. 



Armênios mortos durante a deportação (no alto e ao lado), mãe e filhos deportados, marcha rumo à prisão em território otomano e cabeças expostas em praça pública: 9 anos de perseguição.

1914

De um lado, franceses, britânicos e russos. Do outro, alemães, austro-húngaros e otomanos. Em comum, eles tinham exércitos gigantes e muita bala na agulha. Todos acreditavam em uma guerra rápida. Mas estavam redondamente enganados.



JOHN FRENCH

Comandante da Força Expedicionária Britânica, French viveu uma situação embaraçosa na Batalha de Mons, em agosto de 1914: suas ordens para abandonar posições não foram respeitadas pelos soldados, que resistiram e frearam o avanço alemão.



ERICH VON FALKENHAYN

Alçado a chefe do Estado-Maior alemão depois da Batalha do Marne, em setembro, não se importava com a morte de soldados, desde que os objetivos fossem alcançados. Mas entrou para a história por evitar o massacre de judeus na campanha da Palestina, em 1917.

28/6

O arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono no Império Austro-Húngaro, é assassinado em Sarajevo, capital da Bósnia, pelo extremista sérvio Gavrilo Princip (integrante do grupo radical Mão Negra).

4/8

O Exército da Alemanha invade a Bélgica e avança em direção à França. No mesmo dia, os britânicos, aliados dos franceses, declaram guerra ao Império Alemão. Do outro lado do oceano Atlântico, os EUA declaram-se um país neutro.

14/8

Começa a Batalha das Fronteiras (veja quadro abaixo). Os alemães querem chegar a Paris e os franceses tentam retomar os territórios de Alsácia e Lorena, perdidos para a Alemanha em 1871.



Soldados reunidos na cidade de Mons durante a Batalha das Fronteiras.

26/8

Tem início a Batalha de Krasnik entre austro-húngaros e russos na província da Galícia (atual Polônia). A Rússia sofre sua primeira derrota na guerra. No mesmo dia, a milhares de quilômetros dali, o Japão declara guerra à Alemanha.

JUNHO

JULHO

AGOSTO

28/7

Em resposta ao atentado que matou Ferdinando, o Império Austro-Húngaro declara guerra à Sérvia. A Rússia reage e mobiliza suas tropas. Nos dias seguintes, França e Alemanha também acionam seus exércitos. Começa a 1ª Guerra.

BATALHA DAS FRONTEIRAS

QUANDO: 14 a 24 de agosto.

ADVERSÁRIOS: França e Grã-Bretanha x Império Alemão.

BAIXAS: 1,32 milhão x 1,3 milhão.

Em 5 ofensivas simultâneas comandadas pelo general francês Joseph Joffre, tropas aliadas e alemãs se enfrentam pela primeira vez na 1ª Guerra Mundial. A Alemanha vence.

17/8

A Rússia invade a Prússia Oriental, uma das províncias mais importantes do Império Alemão. As forças de ocupação encontram pouca resistência, já que a maior parte do efetivo militar da Alemanha estava concentrada na front ocidental.

BATALHA DE TANNENBERG

QUANDO:

23 de agosto a 2 de setembro.

ADVERSÁRIOS:

Rússia x Império Alemão.

BAIXAS: 120 mil x 20 mil.

Tropas alemãs deslocam-se de trem até o front e impõem uma vitória arrasadora sobre a Rússia, que vê seu 2º Exército ser quase todo destruído.



No front oriental, os russos avançam primeiro e invadem a Prússia. Mas a contra-ofensiva alemã é rápida e devastadora, obrigando-os a recuar. Mais ao sul, as forças do czar Nicolau 2º derrotam com mais facilidade os soldados do Império Austro-Húngaro e ocupam a Galícia Oriental.

No front ocidental, a guerra empaca numa linha de trincheiras que vai da fronteira suíça até o mar do Norte. A cada batalha, milhares de soldados são mortos e os avanços sobre território inimigo não passam de poucos quilômetros.

1ª BATALHA DO MARNE

QUANDO: 5 a 12 de setembro.

ADVERSÁRIOS: França e Grã-Bretanha x Império Alemão.

BAIXAS: 263 mil x 250 mil.

O avanço alemão é barrado e surgem as primeiras trincheiras da guerra. A Alemanha abandona o plano que previa movimentos rápidos e a tomada de Paris em apenas 6 semanas.

14/10

Começa a primeira grande batalha da guerra, em Ypres, na Bélgica. Para impedir o avanço alemão, os belgas abrem as barragens do rio Yser, inundando o terreno inimigo e garantindo uma vitória decisiva para os Aliados.

28/10

Com bombardeios pesados a portos russos estratégicos localizados no mar Negro, o Império Otomano entra na 1ª Guerra Mundial ao lado da Alemanha e do Império Austro-Húngaro. Abre-se uma nova frente de batalha no conflito.

BATALHA DAS FALKLANDS

QUANDO: 8 de dezembro.

ADVERSÁRIOS: Grã-Bretanha x Império Alemão.

BAIXAS: 26 x 1 871.

Grã-Bretanha e Alemanha travam uma terrível batalha naval ao largo das ilhas Falklands (Malvinas), no Atlântico Sul. Os britânicos vencem, afundando 6 dos 8 navios alemães.

SETEMBRO

OUTUBRO

DEZEMBRO

9/9

Nova derrota das forças russas para o Exército alemão, desta vez na Batalha dos Lagos Masurian. Numa das mais impressionantes vitórias em sua história militar, a Alemanha varre os russos para fora de seu território.

14/9

Os Aliados respondem à ofensiva alemã no Marne com um contra-ataque que ficaria conhecido como a Batalha do Aisne. Os dois lados se engajam na "corrida para o mar", escavando trincheiras em direção ao norte.



Trincheira francesa na Batalha do Aisne.

16/12

Às 8 horas da manhã, navios de guerra alemães pegam a Marinha Real britânica de surpresa e bombardeiam as cidades portuárias de Hartlepool e Scarborough, no mar do Norte. Mais de 130 civis são mortos durante o ataque.

24/12

Na noite de Natal, soldados alemães, franceses e britânicos deixam as trincheiras, à revelia de seus superiores, e se confraternizam na "terra de ninguém". No dia seguinte, voltam a ser inimigos, como se nada tivesse acontecido.

1915

A campanha militar que em poucos meses determinaria o fim da guerra acabou não acontecendo. E pior: com a entrada de Itália e Bulgária no conflito, as frentes de batalha se multiplicaram. Agora a luta prometia durar muito mais tempo do que os generais imaginavam.



MUSTAFÁ KEMAL ATATURK
Herói de guerra na Batalha de Gallipoli, o comandante otomano ficou famoso pelo cavalheirismo com que tratava os inimigos derrotados. Também liderou tropas no Cáucaso e na Palestina. Depois da guerra, tornou-se fundador da República da Turquia e seu primeiro presidente.

FERDINAND FOCH

Obcecado por táticas ofensivas que expunham suas tropas ao fogo inimigo, foi um dos comandantes franceses mais criticados. Nas duas batalhas que liderou em 1915, na região de Artois, não passou de um empate com os alemães – e perdeu 150 mil soldados.



19/1

A Alemanha executa o primeiro ataque com dirigíveis à Inglaterra. Dois zeplins descarregam bombas sobre as cidades de Great Yarmouth e King's Lynn, matando 4 pessoas.

2ª BATALHA DE MASURIAN

QUANDO: 7 a 22 de fevereiro.

ADVERSÁRIOS:

Império Russo x Império Alemão.

BAIXAS: 156 mil x nº desconhecido.

Com um ataque-surpresa, tropas alemãs avançam 100 km em apenas uma semana. Mais de 100 mil russos são feitos prisioneiros e a derrota quase os coloca fora da guerra.

25/4

Britânicos desembarcam na península de Gallipoli, em território otomano. Objetivo: abrir o estreito de Dardanelos, para que navios aliados chegassem em segurança ao mar Negro.



Tropas britânicas na península de Gallipoli, em território otomano.

JANEIRO

4/2

Os alemães dão início a um bloqueio marítimo contra a Grã-Bretanha usando seus submarinos. Qualquer navio mercante que se aproxime da Inglaterra passa a ser considerado inimigo e alvo em potencial.

FEVEREIRO

18/3

Britânicos e franceses dão início a uma desastrosa operação naval no estreito de Dardanelos, controlado pelo Império Otomano. Dos 10 navios aliados, 3 são afundados e 2 ficam danificados.

MARÇO

28/3

A guerra faz sua primeira vítima de nacionalidade americana: Leon Thrasher. Ele era um dos 104 passageiros mortos no ataque do submarino alemão U-28 ao navio britânico Falaba, ao largo da costa da Inglaterra.

ABRIL

26/4

Representantes do governo italiano concordam em entrar na guerra ao lado dos Aliados em troca de ajuda financeira e apoio na conquista de territórios do Império Austro-Húngaro.

2ª BATALHA DE YPRES

QUANDO: 22 de abril a 25 de maio.

ADVERSÁRIOS:

Bélgica, França, Grã-Bretanha, Canadá e Índia x Império Alemão.

BAIXAS: 70 mil x 35 mil.

A Alemanha usa pela primeira vez uma arma química no front ocidental: o gás cloro. Apesar do elevado número de mortos, feridos e desaparecidos, nenhum dos lados sai vitorioso.



Em outubro, a Bulgária abandona sua posição de neutralidade, juntando-se a Alemanha, Áustria-Hungria e Império Otomano. Em seguida, lança um ataque fulminante contra a Sérvia, que vê seu Exército ser dizimado. Tropas francesas desembarcam em Salonica para socorrer sua aliada, mas não conseguem evitar a derrota dos sérvios.

Depois de muita hesitação, a Itália entra na guerra junto com os Aliados e lança uma série de ofensivas contra o Império Austro-Húngaro na fronteira entre os dois países. Não há vencedores e as baixas são numerosas dos dois lados.

7/5

O navio de passageiros Lusitânia é afundado por um submarino alemão na costa da Irlanda. Entre as 1 201 vítimas do ataque figuram 128 americanos. O episódio abre uma crise diplomática entre EUA e Alemanha.

9/7

As colônias alemãs no sudoeste da África (no território que hoje corresponde à Namíbia) se rendem ao general Louis Botha, comandante-em-chefe das forças da União Sul-Africana.

19/9

Começa a 2ª Batalha de Champagne, com 3 dias de intensa artilharia aliada. Tropas francesas e britânicas conquistam territórios ocupados pelos alemães, mas o custo é alto: mais de 140 mil baixas.



Artilharia francesa durante a Batalha de Champagne: 140 mil baixas.

11/10

A Bulgária entra na guerra ao lado de Alemanha, Áustria-Hungria e Império Otomano. Pouco tempo depois, tropas búlgaras invadem a província sérvia da Macedônia.

MAIO

JUNHO

JULHO

SETEMBRO

OUTUBRO

DEZEMBRO

BATALHAS DE ISONZO

QUANDO:

23 de junho a 2 de dezembro.

ONDE: vale do rio Isonzo, Itália.

ADVERSÁRIOS:

Itália x Império Austro-Húngaro.

BAIXAS: 126 mil x 87 mil.

Uma série de ofensivas italianas acaba em baixas impressionantes e empate técnico com os húngaros.

12/7

Depois de 6 ataques consecutivos, todos frustrados, forças aliadas desistem de ocupar a colina de Achi Baba, uma posição estratégica na península de Gallipoli, em território otomano.

28/12

Os aliados começam a retirar suas tropas de Gallipoli amargando uma de suas maiores derrotas em toda a 1ª Guerra Mundial – mais de 140 mil baixas em 7 meses de operação na península.



Ocupação de Gallipoli: uma das maiores derrotas aliadas na guerra.

1916

França, Grã-Bretanha, Rússia e Itália planejavam para o meio do ano uma ofensiva conjunta, que impedisse o movimento das tropas inimigas de um front para o outro. Mas a Alemanha atacou primeiro, em fevereiro, dando início à sangrenta Batalha de Verdun.



ALEKSEI BRUSILOV

O maior general da história da Rússia era um exímio estrategista. Suas táticas ofensivas, colocadas em prática na campanha de 1916 contra os austro-húngaros, revelaram-se devastadoras: o inimigo perdeu 1,5 milhão de soldados e 25 mil km² de território.

ROBERT NIVELLE

Poucos militares tiveram uma ascensão tão vertiginosa durante a guerra quanto Nivelle. Começou como oficial de artilharia. No final de 1916, já era comandante. Defensor de táticas agressivas, foi um dos responsáveis pela brava resistência da França na Batalha de Verdun.



21/2

Começa a Batalha de Verdun, a mais longa e uma das mais violentas da 1ª Guerra. Nos 10 meses de combate entre franceses e alemães, estima-se que cerca de 1 milhão de soldados tenham morrido.



Artilharia francesa sendo levada até o front durante a Batalha de Verdun.

19/4

O presidente dos EUA, Woodrow Wilson, adverte publicamente o governo da Alemanha, exigindo que o país cesse os ataques de submarinos a navios mercantes e embarcações que transportam passageiros.

BATALHA DA JUTLÂNDIA

QUANDO: 31 de maio e 1º de junho.

ADVERSÁRIOS:

Grã-Bretanha x Império Alemão.

BAIXAS: 6 600 x 3 050.

Travada no mar do Norte, foi um dos maiores confrontos navais de todos os tempos. Não houve vencedores. A Marinha Real britânica perdeu 14 embarcações, enquanto a armada alemã teve 11 navios afundados.

FEVEREIRO

MARÇO

ABRIL

MAIO

JUNHO

24/3

O submarino alemão U-29 ataca por engano o Sussex, ferry-boat francês que transportava passageiros civis no canal da Mancha. Pelos menos 50 pessoas morrem – entre elas alguns cidadãos de nacionalidade americana.

BATALHAS DE ISONZO

QUANDO:

9 de março a 4 de novembro.

ADVERSÁRIOS:

Itália x Império Austro-Húngaro.

BAIXAS: números desconhecidos.

Nova série de batalhas entre forças italianas e austro-húngaras na fronteira entre os dois países. Desta vez, no entanto, a Itália obtém uma vitória decisiva sobre o inimigo.

29/4

Na Mesopotâmia, tropas do Exército britânico iniciam o avanço em direção à cidade de Bagdá, controlada pelo Império Otomano. Em Kut-el-Amara, no entanto, os soldados liderados pelo general Townshend se rendem aos inimigos turcos.

OFENSIVA BRUSILOV

QUANDO:

4 de junho a 20 de setembro.

ADVERSÁRIOS:

Rússia x Império Alemão.

BAIXAS: 500 mil x 1,32 milhão.

Com mais de 1,8 milhão de baixas, esta campanha militar na região da Galícia (atual Polônia) entraria para a história como uma das mais sangüinárias de todos os tempos.



Em junho, os russos partem para cima dos inimigos com força total, na fulminante Ofensiva Brusilov. Resultado: um avanço de 100 quilômetros sobre território controlado por Alemanha e Império Austro-Húngaro. A Romênia entraria na briga em agosto, mas seria aniquilada por tropas alemãs, austro-húngaras e búlgaras até o fim daquele ano.

Em julho, o front ocidental vira palco do maior e mais destrutivo combate da guerra: a Batalha do Somme. Enquanto isso, no front italiano, os austro-húngaros não resistem a novos ataques da Itália, cujas tropas avançam na direção de Trieste.

1º/7

Franceses, britânicos e alemães começam a se engalfinhar na Batalha do Somme, a mais sangrenta da guerra. As baixas, entre mortos e feridos, chegam a 1,2 milhão.



Soldados usam máscaras antigas durante a Batalha do Somme.

21/11

Transformado em navio-hospital, o transatlântico *Britannic* – irmão mais novo do lendário *Titanic* – afunda perto da ilha grega de Kea, depois de chocar-se contra uma mina alemã. Pelo menos 30 tripulantes morrem no acidente.

28/11

A Alemanha executa o primeiro bombardeio aéreo com aviões sobre a Grã-Bretanha. Seu objetivo: obrigar a Força Aérea britânica a retirar suas aeronaves do front ocidental e deslocá-las para a defesa de seu próprio território.

7/12

O liberal David Lloyd George assume o cargo de primeiro-ministro no lugar de Herbert Asquith. Ao final da guerra, ele seria um dos responsáveis pela partilha do Oriente Médio entre os vencedores do conflito (leia mais na pág. 50).

JULHO

BATALHA DE ROMANI

QUANDO: 3 a 5 de agosto.

ADVERSÁRIOS:

Grã-Bretanha, Austrália e Nova Zelândia x Império Otomano.

BAIXAS: 1 130 x 9 200.

Tropas otomanas fracassam ao atacar exércitos da Grã-Bretanha na península do Sinai. A vitória britânica mantém os inimigos afastados do estratégico canal de Suez.

AGOSTO

27/8

A Romênia entra na guerra ao lado dos Aliados, destacando 3 exércitos para lutar contra tropas austro-húngaras nos Cárpatos e na Transilvânia. Poucos dias depois, tropas alemãs, búlgaras e otomanas invadiriam seu território.

31/8

Os alemães suspendem temporariamente as investidas de submarinos contra navios mercantes e de passageiros nas águas do Atlântico, temendo que novos ataques possam levar os EUA a declarar guerra.

NOVEMBRO

3/12

O general Joseph Joffre é destituído do comando do Exército francês, em parte por causa do alto número de baixas ocorridas nas Batalhas de Verdun e do Somme. Em seu lugar assume o general Robert Nivelle (leia na pág. ao lado).

DEZEMBRO

23/12

Na península do Sinai, tem início a Batalha de Magdhaba, mais um capítulo da campanha da Palestina protagonizada por britânicos e otomanos. Vitoriosa, a Grã-Bretanha abre caminho para a marcha rumo a Jerusalém.

1917

No início do ano, a Alemanha voltou a atacar navios mercantes com seus submarinos, na tentativa de estrangular economicamente a Grã-Bretanha. Enquanto isso, os Aliados insistiam nos ataques frontais contra as linhas de defesa inimigas na frente ocidental.



DOUGLAS HAIG

Comandante das forças britânicas na França durante a maior parte da guerra, foi o responsável pelas Batalhas do Somme, em 1916, e de Passchendaele, em 1917: carnificinas inúteis que custaram a vida de milhares de soldados. Ainda assim, saiu do conflito como herói nacional.

BARÃO VERMELHO

O alemão Manfred von Richthofen é considerado o maior ás da 1ª Guerra. Ele obteve pelo menos 73 vitórias em batalhas aéreas. Morreu em combate no dia 21 de abril de 1918, atingido por uma bala inimiga enquanto voava.



1º/2

A Alemanha retoma a guerra irrestrita de submarinos e volta a atacar navios mercantes de nações aliadas e países neutros. Cinco embarcações brasileiras que rumavam para a Europa são afundadas por U-boats em 1917.

15/3

Em meio a revoltas populares e motins, o czar Nicolau 2º abdica do trono russo. O governo provisório constituído em seguida decide manter a Rússia na guerra. Mas os bolcheviques, cada vez mais perto do poder, querem o país fora do conflito.

BATALHA DE ARRAS

QUANDO: 9 de abril a 16 de maio.

ADVERSÁRIOS: Grã-Bretanha, Canadá, Austrália, Nova Zelândia e Terra Nova x Império Alemão.

BAIXAS: 160 mil x 120 mil.

No ataque britânico às trincheiras alemãs perto da cidade de Arras, na França, aviões desempenham um papel importante, bombardeando e fotografando posições inimigas.

13/6

Pelo menos 20 bombardeiros alemães modelo Gotha atacam a cidade de Londres em plena luz do dia, matando mais de 160 civis. Foi o maior ataque aéreo realizado contra a Grã-Bretanha em toda a 1ª Guerra.

3/7

A primeira leva de soldados americanos desembarca em território francês, cerca de 14 mil. Mas eles só veriam a frente de batalha em outubro, quando a 1ª Divisão de Infantaria seria enviada para as trincheiras de Nancy.

FEVEREIRO

MARÇO

ABRIL

JUNHO

11/3

Tropas britânicas tomam a cidade de Bagdá, na Mesopotâmia. A invasão obriga o Império Otomano a retirar suas tropas da Pérsia e concentrá-las na defesa de outra localidade importante, Mosul.

6/4

O presidente dos EUA, Woodrow Wilson, finalmente declara guerra ao Império Alemão, em resposta a novos ataques de submarinos contra navios mercantes americanos – 1 em fevereiro e outros 4 em março.

16/4

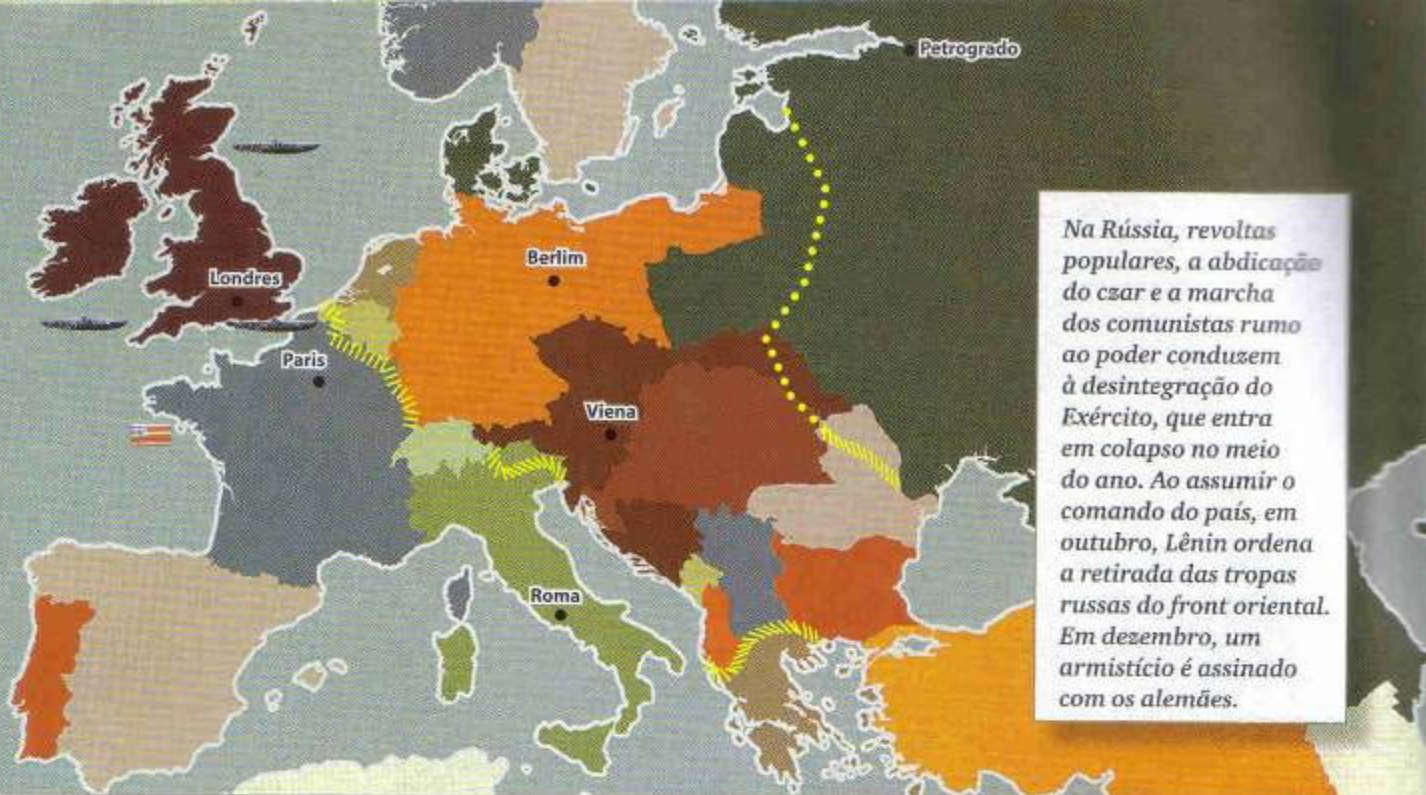
Começa a 2ª Batalha do Aisne, entre tropas francesas e alemãs. A campanha seria desastrosa para o Exército da França e arruinaria a carreira de seu comandante, Robert Nivelle.



Catedral destruída após a Batalha do Aisne, entre França e Alemanha.

4/7

No dia da independência dos EUA, tropas americanas fazem sua primeira aparição na França, marchando pelas ruas de Paris até o túmulo do marquês de Lafayette.



Na Rússia, revoltas populares, a abdicação do czar e a marcha dos comunistas rumo ao poder conduzem à desintegração do Exército, que entra em colapso no meio do ano. Ao assumir o comando do país, em outubro, Lênin ordena a retirada das tropas russas da front oriental. Em dezembro, um armistício é assinado com os alemães.

O fracasso aliado nas ofensivas lançadas em 1917 leva a uma grave crise moral. Em julho, porém, as primeiras tropas americanas desembarcam na Europa. Nos meses seguintes, o apoio dos EUA na briga com os alemães seria fundamental.

BATALHA DE PASSCHENDAELE

QUANDO: 31 de julho a 6 de novembro.

ADVERSÁRIOS: Grã-Bretanha, França, Canadá, Austrália, N. Zelândia e África do Sul x Império Alemão.

BAIXAS: 509 mil x 348 mil.

Em pouco mais de 3 meses de combates, franceses, britânicos e alemães contabilizam 850 mil baixas: mais uma entre as maiores – e inúteis – carnificinas da guerra.

25/10

Os bolcheviques, liderados por Vladimir Lênin, derrubam o governo provisório na Rússia e assumem o poder. É a primeira revolução comunista vitoriosa da história, que daria origem à União Soviética alguns anos mais tarde.

BATALHA DE CAPORETTO

QUANDO:

24 de outubro a 19 de novembro.

ADVERSÁRIOS: Itália x Império Alemão e Império Austro-Húngaro.

BAIXAS: 31 mil x 20 mil.

Forças alemãs e austro-húngaras aniquilam as linhas de defesa italianas na região de Caporetto, numa das campanhas militares mais bem-sucedidas de toda a guerra.

3/12

O governo comunista da Rússia, representado por Leon Trótski, assina o armistício com a Alemanha. Com os russos fora da guerra, os alemães concentram suas tropas no front ocidental.

JULHO

OUTUBRO

NOVEMBRO

DEZEMBRO

31/10

No front palestino, tropas britânicas lideradas pelo general Edmund Allenby rompem a linha defensiva otomana e tomam a cidade de Beersheba. É a 3ª Batalha de Gaza, que abre o caminho para a conquista de Jerusalém.



Tanque britânico durante ofensiva na Batalha de Gaza, Palestina.

BATALHA DE CAMBRAI

QUANDO:

20 de novembro a 6 de dezembro.

ADVERSÁRIOS:

Grã-Bretanha x Império Alemão.

BAIXAS: 44 mil x 45 mil.

Cerca de 475 tanques britânicos abrem um buraco nas trincheiras alemãs perto de Cambrai, provando que até as linhas defensivas mais fortificadas são vulneráveis ao avanço de blindados.

9/12

O Exército britânico invade Jerusalém, colocando fim ao domínio otomano sobre a cidade sagrada para cristãos, muçulmanos e judeus. Em Londres e Roma, os sinos das igrejas anunciam a conquista histórica.

1918

Com a Rússia fora da guerra, os alemães reforçam suas tropas no front ocidental. Mas o desembarque de soldados americanos equilibra a balança. Em agosto, os Aliados dão início a uma contra-ofensiva que duraria aproximadamente 100 dias e levaria à vitória final.

O PLACAR FINAL DA MATANÇA

Nos 4 anos de 1ª Guerra Mundial, quase 20 milhões de pessoas morreram.

	MILITARES MORTOS	CIVIS MORTOS	TOTAL
Grã-Bretanha*	1,115 milhão	111 mil	1,226 milhão
França	1,398 milhão	300 mil	1,698 milhão
Rússia	1,811 milhão	1,5 milhão	3,311 milhões
Itália	651 mil	589 mil	1,24 milhão
EUA	116,7 mil	757	17,475 mil
Outros países**	604,6 mil	1,177 milhão	1,778 milhão
Império Alemão	2,37 milhões	426 mil	2,796 milhões
Império Austro-Húngaro	1,1 milhão	467 mil	1,567 milhão
Império Otomano	800 mil	4,2 milhões	5 milhões
Bulgária	87,5 mil	100 mil	87,5 mil

* Inclui África do Sul, Austrália, Canadá, Índia, Nova Zelândia e Terra Nova.

** Bélgica, Dinamarca, Grécia, Japão, Montenegro, Noruega, Portugal, Romênia, Sérvia e Suécia.

3/3

Em Brest-Litovsk, o governo comunista da Rússia assina um tratado de paz com Alemanha, Áustria-Hungria e Império Otomano. Chegam ao fim os combates no front oriental da 1ª Guerra.

OFENSIVA LUDENDORF

QUANDO: 21 de março a 18 de julho.

ONDE: norte da França e da Bélgica.

ADVERSÁRIOS: Grã-Bretanha, França e EUA x Império Alemão.

BAIXAS: 851 mil x 688 mil.

RESULTADO: sem vencedores.

8/8

Um ataque aliado na região do Somme obriga os alemães a bater em retirada (veja quadro ao lado). É o início de uma bem-sucedida ofensiva em Amiens, liderada pelo comandante britânico Douglas Haig.

BATALHA DE AMIENS

QUANDO: 8 a 11 de agosto.

ONDE: Amiens, França.

ADVERSÁRIOS: Grã-Bretanha, França, Canadá, Austrália e EUA x Império Alemão.

BAIXAS: 22,2 mil x 74 mil.

RESULTADO: vitória aliada.

MARÇO

JUNHO

JULHO

AGOSTO

21/3

A Alemanha lança a primeira de 5 grandes ofensivas que pretendem encerrar a guerra antes que as tropas americanas cheguem às trincheiras do front ocidental (veja quadro acima). O avanço alemão só seria contido em junho.

5/6

Soldados alemães enviados do front oriental para o ocidental começam a desertar em grande número, abandonando os trens nos quais viajam. Enquanto isso, tropas americanas reforçam cada vez mais as trincheiras aliadas.

15/7

Começa a 2ª Batalha do Marne, fase final da ofensiva alemã iniciada em março (veja quadro ao lado). Um contra-ataque de tropas francesas, com a ajuda de 85 mil soldados americanos, consegue bloquear o avanço inimigo.

2ª BATALHA DO MARNE

QUANDO: 15 de julho a 6 de agosto.

ONDE: região do rio Marne, França.

ADVERSÁRIOS: França, Grã-Bretanha e EUA x Império Alemão.

BAIXAS: 125 mil x 168 mil.

RESULTADO: vitória aliada.

12/9

Forças americanas aniquilam as posições alemãs na região de Saint Mihiel, em território francês ocupado. A operação conta com o apoio de aviões – o maior ataque aéreo de toda a guerra, conduzido pela Força Aérea dos EUA.



No front ocidental, os 4 primeiros meses de 1918 são marcados por ofensivas da Alemanha, que pretende vencer a guerra até o meio do ano. Mas o contra-ataque aliado, com tanques e aviões, obriga os alemães a recuar e abrir a guarda.

19/9

Tropas britânicas lideradas por Edmund Allenby obtêm uma vitória arrasadora sobre as forças otomanas na Batalha de Megiddo. Agora, toda a Palestina passa a ser controlada pela Grã-Bretanha.

26/9

Forças aliadas finalmente rompem a Linha Hindenburg – uma série de fortificações alemãs que, desde 1915, se estendia por 160 quilômetros no nordeste da França. As derrotas da Alemanha no front ocidental já anunciam o fim da guerra.

OFENSIVA MEUSE-ARGONNE

QUANDO:

26 de setembro a 11 de novembro.

ONDE: floresta de Argonne, França.

ADVERSÁRIOS:

EUA x Império Alemão.

BAIXAS: 122 mil x 120,3 mil.

RESULTADO: vitória americana.

24/10

A Itália lança uma ofensiva devastadora contra o Exército austro-húngaro na decisiva Batalha de Vitério Veneto (veja quadro abaixo). Com a vitória, a guerra praticamente chega ao fim no front italiano.

3/11

A cidade de Trieste finalmente cai nas mãos de tropas aliadas e o Império Austro-Húngaro também se vê obrigado a assinar um armistício. Agora, a Alemanha está sozinha contra França, Grã-Bretanha, Itália e EUA.

SETEMBRO

OUTUBRO

NOVEMBRO

26/9

Tem início a Ofensiva Meuse-Argonne, na França (veja o quadro acima). Mais de 1,2 milhão de soldados dos EUA participam, contra 450 mil alemães. Foi a maior vitória da Força Expedicionária Americana em toda a guerra.

21/10

Pela última vez um torpedo alemão é disparado durante a guerra. Ele afunda um pequeno navio mercante britânico na costa da Irlanda, matando seus 8 tripulantes. Em seguida, a Alemanha anuncia o fim das operações com U-boats.

BATALHA DE VITÉRIO VENETO

QUANDO:

24 de outubro a 3 de novembro.

ONDE: Vitério Veneto, Itália.

ADVERSÁRIOS: Itália, Grã-Bretanha, França e EUA x Império Austro-Húngaro.

BAIXAS: 31,8 mil x 135 mil.

RESULTADO: vitória aliada.

30/10

A bordo do navio de guerra Agamêmnon, na ilha de Lemnos (Grécia), representantes do governo e do Império Otomano assinam o armistício. É o fim da participação otomana na 1ª Guerra Mundial.

11/11

Às 11 horas, no 11º dia do 11º mês de 1918, a Alemanha reconhece a derrota e assina um armistício com as forças aliadas. É o fim da 1ª Guerra Mundial, o conflito militar mais destrutivo e sangüinário já travado até então.

TESTEMUNHA OCULAR

Restam apenas 12 ex-combatentes da 1ª Guerra Mundial. Mas só um deles esteve nas trincheiras: o britânico Henry John Patch.

TEXTO GABRIEL MITANI COLABOROU EDUARDO LIMA



Henry John Patch na cerimônia que marcou o 90º aniversário da Batalha de Passchendaele: "Nunca vou me esquecer daquilo".

Este homem esteve na lendária Batalha de Passchendaele, em 1917 – uma das mais sangrentas da 1ª Guerra Mundial. Seu nome: Henry John Patch. Sua idade: 109 anos. Ele é a última testemunha ainda viva dos horrores experimentados por milhões de combatentes que lutaram nas trincheiras do front ocidental. Em Passchendaele, a média foi de 5 mil mortes por dia. O Império Britânico, sozinho, perdeu mais de 500 mil soldados nos 3 meses de campanha. Entre eles, o próprio Patch, gravemente ferido após a explosão de uma granada alemã que matou 3 dos 4 companheiros que estavam ao seu lado numa unidade de infantaria. "Nunca vou me esquecer daquilo, nunca", declarou o ex-combatente ao jornal *The Daily Telegraph* em 2007, por ocasião do aniversário de 90 anos da batalha. Hoje, Henry Patch vive em Wells, na Inglaterra. E prefere não falar sobre a guerra que deveria ter acabado com todas as guerras. Tornou-se um pacifista convicto, a exemplo de boa parte dos que escaparam com vida daquele medonho conflito.

FOTO: MATT CARDY/GETTY IMAGES

